

Vegetarianismo: uma opção ética

Márcio Linck
“Uma postura ecoveganista”

Claudia Lulki
O vegetarianismo e o consumo ético

Adriano Caceres
Cuidar do corpo e do planeta
é cuidar da vida

E mais:

>> **Mansueto de Almeida:**
O nó fiscal no caminho da
presidente Dilma

>> **Tau Golin:**
Missões jesuíticas do
Paraguai: uma sociedade
alternativa

Vegetarianismo. Uma opção ética

A preocupação ambiental e a conscientização de que os animais também são seres que merecem respeito e têm direito à vida estão levando muitas pessoas a aderirem ao vegetarianismo. A **IHU On-Line** desta semana entrevistou alguns militantes que optaram pelo vegetarianismo ou o veganismo e pesquisadoras e pesquisadores que estudam o tema. Para **Claudia Lulki**, nutricionista vegana, o vegetarianismo tem cada vez mais a compreensão de seu papel político e econômico no debate do que é ético. E argumenta: “se mudamos o foco central da alimentação para o mundo vegetal com sua infinita diversidade e se utilizarmos as terras agricultáveis para aumentar a produção de alimentos vegetais, teremos saúde ampla”. De acordo com **Márcio Linck**, da União Protetora do Ambiente Natural - UPAN, “na atual conjuntura, não há como o discurso ambiental ser moralmente respeitado e aplicável e eticamente aceitável, se não incorporar a defesa do vegetarianismo e do veganismo”. Para **Adriano Caceres**, engenheiro florestal e diretor do documentário *Olhe nos Olhos*, o vegetarianismo desponta como estilo de vida capaz de recuperar a saúde debilitada das pessoas e promover a manutenção de um estado de saúde pleno dos indivíduos. Na avaliação de **Julio Cesar Acosta Navarro**, cardiologista clínico no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, o vegetarianismo é um termo amplo, que envolve aspectos de índole filosófica, religiosa e atualmente até ambiental. Para a antropóloga **Maria Eunice Maciel** a alimentação humana vai muito mais além da simples sustentação da vida. Na avaliação da socióloga e ativista pelos direitos dos animais, **Eliane Carmanim Lima**, “as pessoas não querem mais se alimentar de animais” o que é uma revolução cultural que rompe “com esta lógica de que o homem é o centro do universo”.

Completam esta edição mais duas entrevistas. Uma com o historiador, jornalista e professor da Universidade de Passo Fundo, **Tau Golin**, sobre as missões jesuíticas do Paraguai e outra com o geólogo **Roberto Naime**, professor na Universidade Feevale.

Por sua vez, os economistas **Fernando Ferrari Filho** e **Mansueto de Almeida**, avaliam a atual conjuntura econômica internacional e seus possíveis impactos na política econômica a ser implementada pela Presidente eleita do Brasil.

Completa esta edição a descrição do perfil de **Bartomeu Melià**, jesuíta, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos de Assunção, Paraguai e o artigo “O ostracismo imposto às discussões sobre regulação da comunicação”, de **Júlio Arantes Azevedo**, **Anderson**, **David G. dos Santos** e **Rafael Cavalcanti Barreto**, membros do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - CEPOS.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura.

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley, Cássio de Almeida e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Márcio Linck: A postura ecoveganista e os animais

PÁGINA 08 | Julio Cesar Acosta Navarro: “Qualquer pessoa pode viver toda vida sendo vegetariana”

PÁGINA 12 | Adriano Caceres: Cuidar do corpo e do planeta é cuidar da vida

PÁGINA 14 | Maria Eunice Maciel: O significado do ato alimentar

PÁGINA 15 | Claudia Lulkin: O vegetarianismo e o consumo ético

PÁGINA 15 | Marly Winckler: Vegetarianismo: uma postura ética de respeito aos seres vivos

PÁGINA 15 | Eliane Carmanim Lima: Animais: sujeitos de direitos

B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 19 | Mansueto Almeida: O nó fiscal no caminho da presidente Dilma

PÁGINA 19 | Fernando Ferrari: Brasil não deve depender de “poupança” externa

» Entrevista da Semana

PÁGINA 23 | Tau Golin: Missões jesuíticas do Paraguai: uma sociedade alternativa

» Coluna do Cepos

PÁGINA 34 | Júlio Arantes Azevedo, Anderson David G. dos Santos e e Rafael Cavalcanti Barreto: O ostracismo imposto às discussões sobre regulação da comunicação

» Destaques On-Line

PÁGINA 38 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 23 | Roberto Naime: Os impactos socioambientais das hidrelétricas

» Perfil

PÁGINA 23 | Bartomeu Melià

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | Maria Helena Selbach Enriconi



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A postura ecoveganista e os animais

Para o ativista e ambientalista da União Protetora do Ambiente Natural - UPAN, de São Leopoldo-RS, Márcio Linck, a forma mais coerente de proteger os animais começa por cortar a carne do prato. Segundo ele, defender os direitos dos animais significa “assumir uma condição de responsabilidades e cooperação com essa tênue cadeia harmônica em que a vida pode ser manifestada”

POR PATRICIA FACHIN

“O interesse do animal em não sofrer e querer continuar a viver é tão fundamental e importante para ele o tanto quanto esses interesses o são para mim. Podemos viver sem carne e optar por comê-la constitui-se numa preferência, num capricho.” A afirmação é de Márcio Linck, ativista em defesa da libertação animal e da conscientização e respeito a todas as formas de vida. Vegetariano há mais de 20 anos, Linck argumenta que não consumir produtos de origem animal significa preocupar-se com a “sustentabilidade do futuro do planeta”. Para ele, “a ética ambiental deve romper com o antropocentrismo e encarar os desafios para além do ambientalismo. (...) Se ética não atingir a dignidade e o respeito a todas as formas de vida, então ela é torpe e sem valor. Na atual conjuntura, não há como o discurso ambiental ser moralmente respeitado e aplicável e eticamente aceitável, se não incorporar a defesa do vegetarianismo e do veganismo”.

Em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail, ele reflete acerca dos problemas ambientais e sociais gerados pela produção de carne bovina e informa que “gastam-se em média 15 mil litros de água para produzir um quilo de carne, enquanto para o mesmo quilo de vegetais se utiliza em média, mil e quinhentos litros”. De acordo com Linck, o vegetarianismo é um estilo de vida que “rompe com o antropocentrismo e com o especismo, que é o preconceito em relação a uma outra espécie, apenas por ela ser diferente em relação à forma e à aparência e assim um menosprezo para com suas suas vontades e direitos básicos”.

Linck é graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. É membro do GAE-POA, Grupo pela Abolição do Especismo e autor do livro *Para Além do Ambientalismo - Uma História em Duas Décadas* (2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que não deveríamos comer produtos de origem animal?

Márcio Linck - Em primeiro lugar, por razões éticas e de respeito à vida. O que não quero que façam para mim ou para meus semelhantes afins eu não faço para os outros, no caso os animais. As granjas e modernas fazendas de produção intensiva constituem-se em verdadeiros campos de concentração, onde o holocausto é permanente e silencioso. Silencioso porque estão longe dos nossos ouvidos, porém lá estão as galinhas vivendo em espaços minúsculos, sem poder movimentar-se e sem ver a luz do dia, tal como as porcas de parir, aprisionadas e transformadas em máquinas de gerar

carne, apartadas de sua prole e sem poder cuidar e dar afeto e proteção aos filhos, tal como é o desejo, de modo semelhante, das mães humanas. E aí toda uma vida estressante que se inicia com a inseminação artificial, passando pelo corte do bico, dos dentes, do rabo e das genitálias sem anestesia alguma. Uma vida toda de sofrimento e que ainda continua com o transporte em caminhões apertados e culmina com toda a crueldade dos matadouros. Ah! se os matadouros tivessem paredes de vidro, como sugeriu Paul McCartney, “todos seriam vegetarianos!”. Diria que, se todas as pessoas tivessem que matar um animal para obter um pedaço de carne, também teríamos

uma maioria vegetariana.

Há também o argumento pela sustentabilidade e futuro do planeta, conforme a situação ambiental. E por fim, pelos fatores ligados à saúde, pois segundo dados da American Dietetic Association - ADA e nutricionistas do Canadá de 2003, que reúne os principais estudos científicos sérios sobre vegetarianismo, os vegetarianos têm 30% menos risco de desenvolver doenças cardíacas, 50% a menos do diabetes, etc.

IHU On-Line - Como define a postura ética e filosófica do vegetarianismo e do veganismo, principalmente no que se refere à proteção dos animais?

Márcio Linck - Penso que essas duas posturas são fundamentais e até sequenciais do ponto de vista prático. Mas é preciso ir além e, embora o veganismo tenha um alcance maior em relação à não exploração dos animais, devemos aprofundar a nossa conduta de responsabilidades frente ao planeta. Tanto o vegetarianismo como o veganismo (este último de modo mais amplo) tem despertado e ampliado o debate a cerca da proteção e dos direitos dos animais no mundo. Sobretudo, trata-se de um estilo de vida que rompe com o antropocentrismo e o especismo, que é o preconceito em relação a uma outra espécie, apenas por ela ser diferente em relação à forma e à aparência e assim um menosprezo as suas vontades e direitos básicos. Assim, os humanos estabelecem uma relação utilitarista para com os animais, explorando-os de todas as formas e transformando-os em objetos de consumo. O discurso e a prática especistas são muito semelhantes em relação ao sexismo (preconceito em relação a diferença de sexo) e ao racismo (preconceito em relação à raça).

Os animais são seres sencientes, dispõem de consciência e sensibilidade sobre sua presença no mundo, tem interesses e direitos inerentes a sua vida como o de procriar-se naturalmente, de relacionar-se afetivamente e socialmente com os companheiros de espécie e daí cumprindo outras funções biológicas, como o de poder escolher o alimento que lhe é próprio ou natural da sua espécie, ter liberdade de movimentos e poder ser feliz! Por que somente o ser humano pretende ser a única espécie a buscar a felicidade? Assim como a espécie humana os animais sentem tristeza, nostalgia, desapontamento, amor, sofrimento, afeto, amizade, medo, esperança, felicidade, raiva, compaixão, sonhos, pesadelos, ciúmes, solidão, solidariedade, curiosidade, etc. Todos que possuem animais de estimação sabem do que estou falando e a Etologia (ramo da Biologia que estuda o comportamento animal), enquanto ciência, referenda não somente a manifestação desses sentimentos, como também padrões de inteligência, poder de comunicação e até de linguagem em algumas

“Um em cada três bifés consumidos no Brasil vem da Amazônia. Então essa história de salvar a Amazônia começa pelo prato de cada brasileiro”

espécies. Como desdobramento desse despertar que o vegetarianismo e o veganismo têm proporcionado, muitas pessoas acabam fazendo a conexão necessária para não mais contribuir através de seus hábitos cotidianos com o sofrimento e a crueldade dos animais utilizados para alimentação, vestuário, pesquisas, entretenimento etc. Há toda uma corresponsabilidade individual e uma justificativa por trás de toda essa cadeia produtiva dos horrores, que mantém os animais num martírio e inferno permanente. Tudo, porque no final do processo está o consumidor das carnes diversas, dos embutidos, do presunto, do bacon, dos laticínios etc.

Outra questão extremamente importante nessa conexão refere-se às incoerências pessoais, quando as pessoas dizem respeitar e amar os animais, no caso aqueles culturalmente e convencionalmente estabelecidos, como os de estimação, enquanto aprisionam, degolam, esfolam, queimam, cortam, espetam e devoram outros. A cultura de um determinado lugar é que impõe essa divisão entre aqueles que devemos amar e proteger e aqueles que devemos explorar, torturar e consumir. O cachorro amado aqui no Ocidente pode ser saboreado em algumas regiões da China, Coreia ou Indonésia, sem dó e piedade alguma. Então, não há diferença entre cachorros, porcos, galinhas, vacas e gatos em relação aos sentimentos e a troca de emoções não somente entre os seus como também para com outras espécies, incluindo a humana.

Postura ética

Quanto aos conceitos que exprimem uma postura vegetariana ou vegana,

embora fundamentais, devemos ter o cuidado não só com a rotulagem dos mesmos e o comodismo em achar que tudo está perfeito. Defender os animais também passa por assumir uma condição de responsabilidades e cooperação com essa tênue cadeia harmônica em que a vida poder ser manifestada. As nossas escolhas enquanto consumidor pode afetar os habitats de muitas espécies, como é o caso dos milhãres de animais marinhos que são mortos por engolirem os milhões de plásticos e outras embalagens despejadas nos oceanos; ou todo o impacto ambiental gerado por uma conduta consumista, citando o exemplo das latas, cujo alumínio extraído da bauxita pode vir de uma área de floresta composta de uma variada fauna. O desperdício ou esbanjamento em relação ao consumo de energia (de fonte hidroelétrica) de uma casa pode justificar as grandes barragens e a inundação de grandes áreas de florestas exterminando a fauna ali existente; os resíduos excretórios que expelimos via descarga e que vão parar na rede de esgoto e consequentemente jogados *in natura* nos rios e lagos, tirando oxigênio dos peixes e demais habitantes aquáticos, constitui-se num desrespeito ao direito à vida destes animais. Nesse caso, estarei faltando com a ética para com estes animais que não têm nada que ver com as consequências daquilo que consumimos e descartamos. Nesse caso a nossa responsabilidade ética seria a de cobrar do Estado o tratamento desse esgoto antes dele atingir os recursos hídricos e causar todo um malefício aos peixes, anfíbios, répteis e aves aquáticas. Teríamos muitos outros exemplos em relação ao nosso padrão de consumo que afeta diretamente o ambiente natural de muitas espécies. O prejuízo ambiental que afeta a qualidade de vida atinge a todos, animais humanos e não humanos. Por isso, não basta vestir o manto dos rótulos para achar que já atingimos a perfeição ou a salvação. É preciso refletir, aprofundar e avançar! Nesse sentido, uma postura ecoveganista contemplaria nossa responsabilidade em relação a todos os animais e seus habitats.

IHU On-Line - Que impactos ambientais são produzidos pelo consumo de carne?

Márcio Linck - De acordo com a Conservation International¹, das 35 áreas onde a biodiversidade é mais ameaçada no mundo, 23 têm, como principal causa, a pecuária. 2/3 dos desmatamentos das florestas tropicais do planeta se devem à expansão da pecuária. No Brasil, a floresta Amazônica é um exemplo disso, pois as áreas de pasto triplicaram nos últimos 30 anos e a área desmatada acumulada atingiu, em 2007, 720 mil km² (18% de sua área total). Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, 78% do desmatamento da Amazônia Brasileira se deve à pecuária. Antes do pasto ou da soja e milho que serão transformados em ração para o gado, principalmente da Europa e dos Estados Unidos, e antes do próprio gado, estão as queimadas, cuja contribuição para as emissões brasileiras de gases estufa são da ordem de 75%. Hoje a Amazônia responde por 41% dos abates bovinos no Brasil. Somente em 2006 foram produzidos 2,7 milhões de carne, sendo que desse total apenas 3% é consumido na região, 10% é exportada (lembrando que a partir de 2004, o Brasil tornou-se o segundo maior produtor e o maior exportador de carne bovina do mundo) e 78% é desperdiçada pelo resto do país. Um em cada três bifés consumidos no Brasil vem da Amazônia. Então, essa história de salvar a Amazônia começa pelo prato de cada brasileiro. O resto é balela e hipocrisia. O estado de Mato Grosso, nos últimos anos, converteu 38 mil km² de floresta em grãos para fazer ração para o gado.

¹ A Conservação Internacional I é uma organização privada, sem fins lucrativos, dedicada à conservação e utilização sustentada da biodiversidade. Fundada em 1987, em poucos anos a CI cresceu e se tornou uma das mais eficientes organizações ambientalistas do mundo. Atualmente, trabalha para preservar ecossistemas ameaçados de extinção em mais de 40 países distribuídos por quatro continentes. A missão da Conservação Internacional (CI) é promover o bem-estar humano fortalecendo a sociedade com a natureza - nossa biodiversidade global - amparada em uma base sólida de ciência, parcerias e experiências de campo. Mais informações em <http://www.conservation.org.br/> (Nota da IHU On-Line)

“Imaginem que se cada habitante do Reino Unido deixasse de comer carne apenas uma vez por semana, isso equivaleria a retirar cinco milhões de automóveis por um ano no mundo”

Então, além das queimadas e do desmatamento, a pecuária acarreta a erosão do solo, assoreamento dos recursos hídricos e sua contaminação com pesticidas (mercúrio, fósforo, cloro, chumbo, arsênico e outros) e dejetos provenientes dos hormônios, vacinas, antibióticos, fungicidas, bactericidas e outros fármacos. Sem falar na desertificação, extinção de espécies, chuva ácida e gases estufa.

Impactos ambientais do consumo de carne

Em 2006, a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação - FAO divulgou um relatório com mais de 400 páginas, intitulado *A Grande Sombra dos Estoques Vivos*, que aponta a pecuária como responsável por 18% dos gases estufas, superando os 13% gerados pela queima de combustíveis fósseis. No entanto, a grande mídia pouco fala disso e a maior parte dos documentários referentes às mudanças climáticas e ao aquecimento global insiste em apenas mostrar cenas de chaminés saindo das fábricas e da grande circulação de automóveis nos grandes centros urbanos. É mais cômodo culpar a fábrica e o automóvel do que o hábito de comer carne! Imaginem que se cada habitante do Reino Unido deixasse de comer carne apenas uma vez por semana, isso equivaleria a retirar cinco milhões de automóveis por um ano no mundo. O estudo da FAO aponta que 37% do gás metano (que é 23 vezes mais poluente que o CO₂) provém da pecuária, e

aí entra todo o processo digestivo dos bovinos; 65% do óxido nítrico NO₂ (gases provenientes do esterco) é gerado pela pecuária, sendo que esse gás é 296 vezes mais nocivo que o CO₂ (uma vaca produz cerca de 40 kg de esterco por dia e uma fazenda contendo cinco mil bovinos produz a quantidade de excrementos que produziria uma cidade com cinquenta mil habitantes); e 64% da amônia, que contribui para a chuva ácida e acidificação dos ecossistemas, provém da pecuária. Infelizmente, em 2009, dois cientistas do Banco Mundial recalcularam esses dados para o WorldWatch Institute e chegaram à conclusão de que a pecuária e seus subprodutos respondem por 51 % dos gases causadores do efeito estufa.

A agropecuária é responsável por 70,2% do volume de água retirado dos mananciais ao redor do mundo. Em segundo lugar está o setor industrial (20,02%) e o consumo humano (9,5%). Gastam-se em média 15 mil litros de água para produzir um quilo de carne, enquanto para o mesmo quilo de vegetais se utiliza, em média, 1.500 litros. Nesses cálculos entram não só a água que o boi bebe (cerca de 50 a 70 litros por dia e a vaca leiteira de 110 a 140 litros por dia), mas também a água utilizada na produção de seu alimento e nas diferentes etapas que envolvem o abate do animal (sangria, escaldagem, depenagem, depilação, barbação, evisceração, lavagem etc.).

O setor da suinocultura no Brasil consome mais de 23 milhões de litros de água por ano e gera efluentes da ordem de 12 milhões de litros por ano. Lembrando que o porco gera de seis a sete vezes mais estrume do que os humanos, ocasionado um poder poluente 50 vezes maiores em termos de Demanda Bioquímica de Oxigênio - DBO.

IHU On-Line - Em que consiste uma ética ambiental?

Márcio Linck - A ética ambiental deve romper com o antropocentrismo e encarar os desafios para além do ambientalismo. Atuar em defender do meio ambiente é garantir a

sustentabilidade e o futuro não só do *homo sapiens*, mas de todas as demais espécies que habitam o planeta. Se ética não atingir a dignidade e o respeito a todas as formas de vida, então ela é torpe e sem valor. Na atual conjuntura, não há como o discurso ambiental ser moralmente respeitado e aplicável e eticamente aceitável, se não incorporar a defesa do vegetarianismo e do veganismo.

IHU On-Line - É possível combater a fome a partir do vegetarianismo?

Márcio Linck - Com certeza! Poderíamos eliminar a fome no mundo (incluindo uma política de distribuição de alimentos) se destinássemos uma grande parte da produção agrícola servida aos animais, diretamente aos humanos. É uma insensatez e estupidez ocupar 30% da área produtiva do planeta com a pecuária e utilizar mais 33% de terra fértil com a produção de grãos para alimentar animais. A quantidade de comida consumida apenas pelo gado mundial (não incluindo suínos, caprinos e aves) atualmente equivale às necessidades calóricas de mais de 9 bilhões de pessoas. O boi constitui-se numa fonte de proteínas de baixíssima eficiência energética, pois converte em carne apenas 7% do que come. Um hectare cultivado com cereais produz cinco vezes mais proteínas do

que um hectare destinado à produção de carne, sendo que um quilo desta é necessário de 10 a 15 kg de cereais. Isso sem falar nos custos ambientais e na água utilizada. Grande parte da soja que hoje destrói a floresta Amazônica é exportada e transformada em ração para alimentar o gado europeu e norte-americano. Segundo o jornalista americano Paul Roberts, em seu livro intitulado *O Fim da Comida*², a Terra pode alimentar 2,5 bilhões de bocas com uma dieta ocidental, rica em carne, ou 20 bilhões de vegetarianos. Portanto até aí entra a ética, a ética da alimentação.

IHU On-Line - Quando o senhor aderiu ao vegetarianismo? Essa opção de vida está relacionada à proteção dos animais?

Márcio Linck - Sim. A forma mais coerente de proteger os animais começa por cortar a carne do prato. Já faz quase 24 anos que tornei-me vegetariano, sendo inicialmente o primeiro motivo o respeito à vida e o amor aos animais. Não poderia mais continuar sendo corresponsável com todo um sistema que implica em sofrimento, tortura e morte de seres dotados de sentimentos e

sensibilidade. Hoje eu não precisaria mais ter sentimentos de bondade e compaixão para com os animais para ser vegetariano, pois bastaria a ética e toda a filosofia que coloca os animais no princípio da igualdade de direitos e consideração de seus interesses. O interesse do animal em não sofrer e querer continuar a viver é tão fundamental e importante para ele o tanto quanto esses interesses o são para mim. Podemos viver sem carne e optar por comê-la constitui-se numa preferência, num capricho. Mas uma preferência não deve estar acima de um direito, quanto mais o direito à vida e a toda sua correspondência, seja em relação à liberdade de movimentos, de escolha dos seus alimentos e da relação afetiva com os seus. Não preciso e não necessito viver em função do sofrimento e da morte de seres indefesos e sensíveis. Mas, com certeza, o amor que tenho pelos animais se mistura com minhas razões éticas. Mas tanto o amor como a ética começam pela boca. Com o tempo, além da ética, também incorporei outros argumentos em favor de uma alimentação sem carne, tal como a questão ambiental, econômica e as questões ligadas à saúde.

² Roberts, Paul. *The End of Food* (Boston: Houghton Mifflin, 2008). (Nota da IHU On-Line)

Saiba mais...

Vegetarianismo é um regime alimentar que exclui da dieta todos os tipos de carne (boi, peixe, frutos do mar, porco, carneiro, frango e outras aves, etc), bem como alimentos derivados. É baseado fundamentalmente no consumo de alimentos de origem vegetal, com ou sem o consumo de laticínios e/ou ovos.

Vegetarianismo é uma palavra ambígua, ou seja, que tem mais de um sentido. No sentido de gênero, fala abrangendo todas as formas de vegetarianismo. No sentido de espécie, designa o verdadeiro sentido da palavra, o vegetarianismo estrito (que não consome nenhum produto de origem

animal).

Nisso faz-se diversas confusões. As mais comuns são: simplificar o ovolactovegetarianismo por vegetarianismo; e confundir vegetarianismo estrito com veganismo. Devido a isso se emprega o termo “dieta vegana”, para indicar a dieta vegetariana estrita. Veganismo não é dieta alimentar, vegetarianismo sim. O correto é sempre “dieta vegetariana”. Ao referir-se à alguém que não

se alimenta com nenhum produto de origem animal, usa-se o termo “dieta vegetariana estrita”.

Há principalmente quatro formas de dietas vegetarianas, classificadas de acordo com os tipos de alimentos que são consumidos. (ver tabela).

Nome da Dieta	Carne (qualquer tipo)	Ovos	Laticínios	Mel
Ovolactovegetarianismo	Não	Sim	Sim	Sim
Lactovegetarianismo	Não	Não	Sim	Sim
Ovovegetarianismo	Não	Sim	Não	Sim
Vegetarianismo estrito	Não	Não	Não	Não

“Qualquer pessoa pode viver toda vida sendo vegetariana”

Segundo o médico Julio Cesar Acosta Navarro, o vegetarianismo é um termo amplo, que envolve aspectos de índole filosófica, religiosa e atualmente até ambiental

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

O médico peruano Julio Cesar Acosta Navarro concedeu a entrevista que segue por telefone à IHU On-Line refletindo sobre de que forma a dieta vegetariana interfere na saúde humana. Além de falar dos benefícios do vegetarianismo, ele alerta, no entanto, que “a vitamina B12 seria o ‘calcanhar de Aquiles’ da dieta vegetariana estrita. Porque as outras dietas que não são veganas, como a lacto-ovo-vegetariana ou a lacto-vegetariana, por ter fontes totais de todos os nutrientes, não teriam nenhum risco”. Navarro explica que “a dieta vegetariana, em comparação com a dieta onívora, possui nutrientes de diferentes valores. É possível que essa diferença, a longo prazo, possa efetivamente e através de diversos mecanismos, influenciar a longevidade e o envelhecimento”. E acrescenta que se a sociedade atual se convertesse em uma sociedade predominantemente ou totalmente vegetariana, isso poderia, a longo prazo, “modificar as questões genética, fisiológica e talvez até anatômica”.

Nascido em Lima, Peru, Julio Cesar Acosta Navarro visitou o Brasil em 1996 e posteriormente naturalizou-se brasileiro em 2001. Possui graduação em Medicina Humana pela Universidad Nacional Federico Villarreal, de Lima, Peru, especialização em Cardiologia Clínica pela Universidad Mayor de San Marcos, de Lima, fez sub-especialização em Cardiopatias Congênitas no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia e no Hospital Beneficência Portuguesa de São Paulo, obteve títulos de especialista nas áreas de Cardiologia Clínica, pela Sociedade Brasileira de Cardiologia-SBC, Medicina Intensiva, pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira-AMIB, Nutrologia, pela Sociedade Brasileira de Nutrição Clínica-SBNEP e Clínica Médica pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica-SBCM. Tem doutorado em Cardiologia pelo Instituto do Coração da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. De 2001 a 2007 trabalhou como chefe da Unidade de Terapia Intensiva e Cardiologista Clínica do Serviço de Transplante de Fígado do Hospital das Clínicas de São Paulo. Atualmente é médico assistente do Setor de Emergências Clínicas do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as bases científicas do vegetarianismo?

Julio Cesar Acosta Navarro - Nós podemos considerar os estudos realizados em diferentes partes do mundo utilizando a metodologia atual científica em populações, seja pequenas ou maiores, que têm uma alimentação vegetariana. Esses estudos avaliam diversos parâmetros clínicos da saúde destas populações vegetarianas e são comparados com os mesmos parâmetros clínicos de uma população que não é vegetariana, que é onívora, que consome carne regularmente. Estes estudos se intensificaram a partir da década de 1990, e começaram a mostrar resultados muito interes-

tes nesse aspecto. Foram publicados em revistas científicas médicas, que são indexadas pelos sistemas internacionais e eu posso considerar que as bases científicas do vegetarianismo se sustentam principalmente nesse ciclo de trabalho. Porque o vegetarianismo é um termo muito mais amplo, que envolve aspectos de índole filosófica, religiosa e atualmente até ambiental.

IHU On-Line - Qual a influência da nutrição vegetariana na saúde?

Julio Cesar Acosta Navarro - Com relação ao vegetarianismo e a saúde em geral, baseando-se nas evidências que comentei anteriormente, podemos concluir que a dieta vegetariana, nas

suas formas, pode ser dividida em três categorias:

- Dieta lacto-ovo-vegetariana, que inclui todos os vegetais, leite, ovos e derivados;

- Dieta lacto-vegetariana, que não inclui ovos, apenas leite e vegetais;

- Dieta vegana, seguida por pessoas que consomem uma dieta estritamente de vegetais e não consomem nem carne, nem fonte de lácteos, nem ovo.

Essas três categorias de vegetarianos têm sido investigadas e, com relação à saúde em geral, os vegetarianos, quanto mais tempo estão nesta postura, e quanto mais estritos são, têm menos prevalência de doenças crônicas, como

doenças coronárias, acidente vascular cerebral, doenças metabólicas, como diabetes, osteoporose, doenças neoplásicas, como o câncer de estômago, de mama em mulheres e de próstata nos homens, assim como outras doenças infecciosas de uma longa lista.

Em contraposição, existe um ponto que seriam os riscos potenciais do vegetarianismo. Existem também evidências científicas de alguns perigos potenciais da dieta vegetariana. Deveríamos considerar três pontos aqui: primeiro o potencial de deficiência proteica, baseado na qualidade da proteína vegetal; o segundo ponto é a possibilidade de deficiência de vitaminas, especificamente de vitamina D e B12; e o terceiro ponto é o potencial risco de deficiência de minerais. Desses três quesitos, no aspecto real, não no teórico, existe o risco da deficiência da vitamina B12 como um problema eventualmente real. Há publicações que mostram que em pessoas, especialmente crianças, foi associado o fato de terem uma dieta vegetariana estrita, ou seja, uma dieta vegana, com o aparecimento de complicações de deficiências de vitamina B12, manifestadas por anemia, transtornos neurológicos e outros tipos de sintomas e sinais. A vitamina B12 seria o “calcanhar de Aquiles” da dieta vegetariana estrita. Porque as outras dietas que não são veganas, como a lacto-ovo-vegetariana ou a lacto-vegetariana, por ter fontes totais de todos os nutrientes, não teriam nenhum risco. É recomendável para as pessoas e para as famílias que praticam uma dieta vegana ter assegurado um suplemento de vitamina B12, seja em alimentos fortificados ou como um suplemento à parte.

IHU On-Line - Qual o papel do vegetarianismo no envelhecimento e no processo evolucionário humano?

Julio Cesar Acosta Navarro - Existem trabalhos e estudos que indicam que, comparando populações que não são vegetarianas com vegetarianas, a taxa de mortalidade é menor no grupo vegetariano, por todas as doenças evitadas, principalmente as doenças cardiovasculares. E, segundo esses estudos, podemos pensar que a dieta

“Muitos pensadores já falavam do vegetarianismo como o melhor caminho para o coração do homem”

vegetariana pode prolongar a expectativa de vida. Entre as duas dietas existem níveis diferentes de gordura saturada, de colesterol, diferença de antioxidantes, vitamina C, E. A dieta vegetariana, em comparação com a dieta onívora, possui nutrientes de diferentes valores. É possível que essa diferença, a longo prazo, possa efetivamente e através de diversos mecanismos, influenciar a longevidade e o envelhecimento. A teoria da evolução das espécies, da qual Charles Darwin¹ é o pai, diz que as espécies mais fortes sobreviveriam às demais e que fatores ambientais também contribuiriam para essa evolução. Basicamente foi pensado, nesta teoria darwiniana, que o consumo de carne contribuiu favoravelmente para um maior desenvolvimento cerebral. Esse foi o ponto de vista mais clássico. Só que essa teoria sobre a contribuição da carne não se sustenta. Uma das coisas que se pensava é que depois da descoberta do fogo, uma das aplicações dele foi para que as carnes fossem douradas e assim consumidas. Só que o homem,

¹ Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Teve suas principais ideias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies* através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à *IHU On-Line* 166, de 28-11-2005, disponível para download em <http://bit.ly/ctvDdi>. Confira as edições 306, da *Revista IHU On-Line*, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível para download em <http://bit.ly/aISjWb> e 300, de 13-07-2009, *Evolução e fé*. *Ecos de Darwin*, disponível para download em <http://bit.ly/cSX46V>. De 9 a 12-09-2009 o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: *Ecos de Darwin*. (Nota da IHU On-Line)

para chegar a descobrir o fogo, já era homo sapiens, então quer dizer que o homem existia antes do fogo, já que o descobriu. Isso quer dizer que ele já vivia e se alimentava antes de descobrir o fogo, portanto, pensamos que antes de consumir carne o homem já consumia outros alimentos e provavelmente era um ser vegetariano ou herbívoro. Esse é apenas um dos argumentos. Atualmente a sociedade humana predominantemente é onívora. Não existe esse dado, mas calculo que em torno de 1% da população humana seja vegetariana, mas estou supondo. A teoria é de que se essa sociedade se convertesse em uma sociedade predominantemente ou totalmente vegetariana, isso poderia, a longo prazo, modificar as questões genética, fisiológica e talvez até anatômica.

IHU On-Line - Na sua tese de doutorado, o senhor defendeu a ideia de que vegetarianos e semi-vegetarianos estão menos expostos a fatores de risco cardiovascular. Por quê?

Julio Cesar Acosta Navarro - Neste trabalho, em vez de dois grupos de pessoas com estilos de vida diferente na alimentação, introduzi um terceiro grupo intermediário, que era o grupo semi-vegetariano. Antes desse trabalho, a maioria dos estudos realizados no exterior, como Estados Unidos, Europa, Ásia, examinava o grupo vegetariano contra o grupo onívoro no contexto dos mesmos parâmetros clínicos. Só que como isso poderia ter um efeito colateral de considerar uma espécie de dualidade (ou é, ou não é), nós introduzimos um terceiro grupo no meio, na ideia de que esse é um grupo presente na sociedade atual. Ou seja, na sociedade atual existe um grande grupo de pessoas que por razões de ordem econômica, social, filosófica, têm simpatia com o vegetarianismo e querem se aproximar. Às vezes por questão de estética ouviram falar que a carne envelhece, que faz mal, e passam a consumir muito pouca carne. Outras pessoas querem cumprir seus preceitos de ordem religiosa, mas não conseguem ceder à tentação e comem de vez em quando. Estão quase perto de ser vegetarianos. Outras pessoas que, por questões econômicas,

em outros países da América Latina que não o Brasil, onde o consumo de carne é caro, porque não tem indústria pecuária, consomem pouca carne. Não é porque não queiram comer, mas porque não têm dinheiro. Então consomem apenas vegetais. Na sociedade atual o grupo considerado semi-vegetariano são as pessoas que consomem de duas a três porções por semana em alguma das suas refeições que tenha algum produto de origem na carne. Tendo em conta a importância desse grupo, um grupo novo, foram investigados fatores de risco de doença cardiovascular em populações que aparentemente não tinham desenvolvido nenhuma doença cardiovascular ou pelo menos não sabiam que tinham doenças cardíacas. Em geral, diferentes fatores de risco cardiovascular foram estatisticamente significativos e mais presentes na população onívora comparado ao grupo semi-vegetariano, ou seja, o grupo onívoro estava em maior risco que o grupo vegetariano. E o grupo semi-vegetariano também era diferente do grupo vegetariano, ou seja, o vegetariano estava mais protegido que o semi-vegetariano que, por sua vez, estava mais protegido que o grupo onívoro. O grupo semi-vegetariano funcionou como uma ponte, como uma transição entre um e outro grupo.

IHU On-Line - Nesse sentido, qual o valor da dieta vegetariana na prevenção e tratamento dessas doenças?

Julio Cesar Acosta Navarro - Quanto ao efeito terapêutico, existem trabalhos publicados atestando que pacientes com arteriosclerose coronária ainda que tendo feito cateterismo, além do seu tratamento convencional com medicamentos foram tratados com um estilo de vida incluindo a dieta vegetariana, um programa de meditação, relaxamento e atividade física. Esse

trabalho indica que a dieta vegetariana por si só, assim como acompanhada por outros aspectos do estilo de vida, pode mostrar efeitos notáveis na recuperação de doenças crônicas.

IHU On-Line - Como o vegetarianismo está difundido na América Latina?

Julio Cesar Acosta Navarro - O vegetarianismo não é uma questão recente. Desde a época de Pitágoras², passando por uma série de filósofos, como São Francisco de Assis³, Mahatma Gandhi⁴, Leon Tolstói⁵, várias pessoas foram

2 Pitágoras de Samos: filósofo e matemático grego que nasceu em Samos entre cerca de 570 a.C. e 571 a.C. e morreu em Metaponto entre cerca de 496 a.C. ou 497 a.C. Foi o fundador de uma escola de pensamento grega denominada em sua homenagem de pitagórica. Teve como sua principal mestra, a filósofa e matemática Temstocléia. (Nota da IHU On-Line)

3 São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da "Ordem dos Frades Menores", mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da IHU On-Line, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em <http://bit.ly/9Gafaz> (Nota da IHU On-Line)

4 Mahatma Gandhi (1869-1948): líder pacifista indiano um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, frequentemente traduzido como "o caminho da verdade" ou "a busca da verdade", também inspirou gerações de ativistas democráticos e anti-racistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (satya) e não-violência (ahimsa). (Nota da IHU On-Line)

5 Liev Tolstói (1828-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista e, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Guerra e Paz*, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietá-

vegetarianas ou defendiam o vegetarianismo, numa época onde não existiam bases científicas. Defendiam isso porque viam o aspecto social, emocional, espiritual envolvido. Muitos pensadores já falavam do vegetarianismo como o melhor caminho para o coração do homem. Isso poderia beneficiar o relacionamento humano. Vejo isso positivamente no sentido de que pelo menos há um avanço no mundo e também na América Latina, uma vez que as ciências estão preocupadas em estudar o tema de forma aprofundada e, a partir disso, difundir mais o vegetarianismo através de práticas. Estou testemunhando que nas últimas décadas o vegetarianismo está sendo mais reconhecido e ainda está ganhando uma dimensão ecológica. Sabe-se que a eliminação dos gases dos animais que são criados para a produção de carne tem uma contribuição importante na contaminação do planeta.

IHU On-Line - Alguns pais vegetarianos não oferecem alimentos de origem animal para os filhos. Como, no caso das crianças, o vegetarianismo pode ser considerado uma prática saudável? Uma dieta vegana gera alguma deficiência para as crianças?

Julio Cesar Acosta Navarro - Em geral, qualquer pessoa pode crescer, se desenvolver e viver toda sua vida sendo vegetariana, desde que pratique o vegetarianismo lacto-ovo-vegetariano, o lacto-vegetariano, ou se for o vegetarianismo estrito desde criança (não esquecendo que nos primeiros seis meses ele tomará o leite da mãe), recomendo definitivamente, por uma questão de segurança, que dêem a seus filhos uma fonte segura de vitamina B12.

rio de terras (reflexo do próprio Tolstói), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da IHU On-Line)

**Leia a Entrevista do Dia em
www.ihu.unisinos.br**

Cuidar do corpo e do planeta é cuidar da vida

Na visão de Adriano Caceres, o vegetarianismo desponta como estilo de vida capaz de recuperar a saúde debilitada das pessoas e promover a manutenção de um estado de saúde pleno dos indivíduos

POR GRAZIELA WOLFART

“**Q**uanto mais a criação de animais, em particular a pecuária, for incentivada, maior será a demanda de grãos e, portanto, mais florestas nativas e cerrados terão de ser destruídos para satisfazer essa demanda. Ocorre que essa é uma equação suicida que fatalmente levará os ecossistemas ao colapso. Aí que entra o grande trunfo do vegetarianismo. Esse estilo de vida quebra diretamente com o modelo da agricultura industrial, por simplesmente excluir a proteína animal do processo de produção, que é o apogeu desse sistema”. É dessa forma que o engenheiro florestal Adriano Caceres relaciona o vegetarianismo com o questão ambiental. No seu entender, “uma pessoa que se diz ecologista e ingere grandes quantidades de carne está caindo em contradição, por falar uma coisa e praticar outra”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line** Adriano defende que “as pessoas têm que começar a entender que alimentar o mundo sem monoculturas, sem venenos e fertilizantes não só é possível como necessário, porque o petróleo, que é o sangue que movimenta a agricultura industrial, acabará em algumas décadas”. E conclui: “cedo ou tarde, o mundo perceberá que o sistema atual de alimentação centrado na carne é termodinamicamente insustentável”.

Adriano Caceres reside em Brasília-DF, vegano desde 2005, formado em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília, faz pós-graduação em reabilitação ambiental sustentável pela mesma universidade e atualmente é servidor do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama. Foi produtor e diretor do documentário *Olhe nos Olhos*, um filme que trata dos impactos ambientais da agricultura industrial e da pecuária, dos impactos desses alimentos na nossa saúde, e por fim, propõe uma nova concepção de alimentação e de produção alimentar, baseada na alimentação viva e na agroecologia (mais informações em <http://vista-se.com.br/redesocial/documentario-nacional-olhe-nos-olhos/>). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais impactos ambientais da agricultura industrial e da pecuária, que influenciam muitas pessoas a adotar o vegetarianismo?

Adriano Caceres - Nossa civilização passou por mudanças profundas e significativas nos últimos séculos, especialmente no modo de produção alimentar, ou seja, na agricultura. Antes de 1950 praticávamos uma agricultura desenvolvida por nossos ancestrais, em plena sintonia com os ciclos naturais, baseada nos conhecimentos tradicionais, desenvolvidos ao longo de milênios e passados de pai para filho, na diversidade de espécies e na fertilidade contínua do solo. Com essa agricultura, conseguíamos sustentar, basi-

camente, toda a população mundial, produzindo alimentos diversos e de alta qualidade. Praticamente não havia fome, não havia pragas, não havia erosão, tampouco contaminação e assoreamento de cursos de água. Não se falava em sustentabilidade, pois todos sabiam que essa era uma condição óbvia e necessária à vida. Foi então que, a partir de 1950, aconteceu a chamada “revolução verde”, uma grande jogada das corporações transnacionais, transferindo e adaptando tecnologia e conhecimentos desenvolvidos nas duas grandes guerras para a agricultura industrial. Como exemplo, podemos citar os agrotóxicos, que foram inventados para matar pessoas nas guerras e posteriormente foram adaptados para

utilização na agricultura. Nossa agricultura milenar foi então brutalmente substituída e praticamente se perdeu, recebendo rótulos de “agricultura primitiva” e “agricultura de subsistência”. Muitos, entorpecidos pela agricultura industrial, diziam que essa “agricultura primitiva” era incapaz de sustentar uma população mundial cada vez mais crescente, sendo esta uma das principais justificativas para a implantação da “revolução verde”.

Um quadro catastrófico

Muitas décadas se passaram e o que a “revolução verde” produziu em termos sociais e ambientais é um quadro catastrófico. O trabalho humano

foi substituído pelos tratores e, dessa maneira, dezenas de milhões de pessoas foram expulsas do campo e obrigadas a morar na periferia das grandes cidades. Em termos ambientais, basta dizer que mais da metade das florestas tropicais do mundo já se encontram destruídas. Deram espaço a grandes “desertos verdes”, monoculturas que produzem quantidades absurdas de grãos e cereais ou, pior ainda, terras improdutivas e erodidas, resultado de uma agricultura ineficiente. Estas transformações na agricultura vieram acompanhadas de mudanças na dieta das pessoas, fenômeno conhecido como ocidentalização da dieta, baseado no modelo do “fast-food” e no padrão insustentável de consumo conhecido como “American Way of Life”. A pecuária é o auge da agricultura industrial. Quanto mais a criação de animais, em particular a pecuária, for incentivada, maior será a demanda de grãos e, portanto, mais florestas nativas e cerrados terão de ser destruídos para satisfazer essa demanda. Ocorre que essa é uma equação suicida que fatalmente levará os ecossistemas ao colapso. Aí que entra o grande trunfo do vegetarianismo. Esse estilo de vida quebra diretamente com o modelo da agricultura industrial, por simplesmente excluir a proteína animal do processo de produção, que é o apogeu desse sistema. No meu entender, uma pessoa que se diz ecologista e ingere grandes quantidades de carne está caindo em contradição, por falar uma coisa e praticar outra.

IHU On-Line - Quais os maiores impactos desses alimentos (agricultura industrial e pecuária) na nossa saúde?

Adriano Caceres - Os maiores impactos dos alimentos industrializados na nossa saúde podem ser percebidos à nossa volta, diariamente. Basta perceber a grande quantidade de amigos e familiares com problemas de saúde, como câncer, obesidade, doenças circulatórias e outras doenças crônico-degenerativas. Estudos feitos na França mostram que dietas inadequadas (com excesso de carnes, laticínios e açúcar) podem ser responsáveis por cerca de 30% de todos os tipos de cân-

“Não basta apenas mudar nossa alimentação, temos que mudar também o modo como produzimos nossos alimentos”

cer. Outro estudo mostra que pessoas que ingerem carnes possuem quatro vezes mais chances de desenvolver câncer no intestino do que vegetarianos. Muitas pessoas afirmam que não ingerem mais vegetais e frutas, pela grande quantidade de resíduos de agrotóxicos encontrados nos vegetais. No entanto, existe uma pesquisa que mostra que as carnes e os laticínios podem conter até 10 vezes mais resíduos de agrotóxicos do que os vegetais de maneira geral, além de conterem também substâncias altamente nocivas ao nosso organismo como estrógenos artificiais, metais pesados, hormônios e antibióticos, e outras centenas de substâncias químicas perigosas. Novamente o vegetarianismo desponta como estilo de vida capaz de recuperar a saúde debilitada das pessoas e promover a manutenção de um estado de saúde pleno dos indivíduos. Quando a pessoa deixa de consumir carnes, laticínios e açúcares, ela começa a prestar atenção a outros tipos de alimentos, aumentando a ingestão de frutas, grãos e cereais integrais, que contêm uma grande quantidade de substâncias fitoquímicas benéficas ao nosso corpo, capazes de reverter processos inflamatórios e problemas graves de circulação, bem como outras doenças crônico-degenerativas.

IHU On-Line - Como seria uma nova concepção de alimentação e de produção alimentar, baseada na alimentação viva e na agroecologia?

Adriano Caceres - Fui produtor do vídeo documentário *Olhe nos olhos*, que propõe uma nova concepção de alimentação natural e produção alimentar, que se baseia na alimentação consciente e na agroecologia, como

solução às graves crises econômicas, sociais e ambientais que enfrentamos atualmente e que irão se intensificar cada vez mais. Não estamos propondo uma nova dieta, ou um produto milagroso que irá melhorar a condição de saúde das pessoas da noite para o dia. Estamos propondo uma mudança radical da concepção alimentar, isto é, da ideia que as pessoas têm a respeito da alimentação. A alimentação viva baseia-se no consumo dos alimentos no seu estado natural e em métodos e técnicas simples de preparo dos alimentos, com o uso mínimo de fogo nas preparações. Essas técnicas simples preservam todas as substâncias benéficas dos alimentos, além é claro, do seu sabor, que pode ser facilmente percebido nas receitas deliciosas que produzimos. Não basta apenas mudar nossa alimentação, temos que mudar também o modo como produzimos nossos alimentos. E é aí que entra a agroecologia. Trata-se de uma ciência multidisciplinar que nos fornece a base de conhecimento para a prática da agricultura ecológica, respeitando as leis dos ecossistemas e produzindo sistemas abundantes, capazes de satisfazer plenamente todas as nossas necessidades em relação aos alimentos, aos medicamentos e à energia. Tudo isso sem o uso exagerado de petróleo e sem agrotóxicos e fertilizantes artificiais. O grande segredo da agroecologia é o planejamento e a implantação de sistemas produtivos baseados na biodiversidade e na manutenção da fertilidade natural do solo. É, de certa forma, um resgate dos conhecimentos e da agricultura autêntica que nossos ancestrais praticavam gloriosamente. A diferença é que agora nós temos a ajuda do conhecimento científico que se soma aos conhecimentos tradicionais. As pessoas têm que começar a entender que alimentar o mundo sem monoculturas, sem venenos e fertilizantes não só é possível como necessário, porque o petróleo, que é o sangue que movimenta a agricultura industrial, acabará em algumas décadas.

IHU On-Line - O que faz parte da nova visão da alimentação vegetariana?

Adriano Caceres - Cada vez mais pessoas se dão conta de que a agri-

cultura industrial (monocultura e a pecuária) é uma grande máquina de destruição da vida, do meio ambiente e conseqüentemente da nossa própria saúde. Uma agricultura doente deixará o solo doente, as águas doentes e produzirá alimentos que deixam as pessoas doentes. Esse modelo só interessa às grandes corporações transnacionais da agricultura e da indústria farmacêutica (muitas vezes são as mesmas), que faturam dezenas de bilhões de dólares por ano, destruindo as florestas e deixando as pessoas sem saúde. Fico muito feliz de ver que nesse mundo existem pessoas que pensam e refletem acerca das questões fundamentais e estratégicas para o bem-estar da humanidade, e tomam decisões importantes como, por exemplo, abster-se do consumo da carne e dos alimentos industrializados. E essas pessoas que pensam e têm coragem para mudar, na maioria das vezes são jovens, são o futuro da nossa nação. E é justamente dentre os jovens que o vegetarianismo cresce mais

IHU On-Line - Quais as principais razões que o levaram a adotar uma dieta vegana e com alimentos vivos?

Adriano Caceres - Certa vez, em agosto de 2005, recebi um e-mail de um site chamado *factory farming* mostrando os maus-tratos que os animais de criação sofriam. Aquilo me chocou profundamente. De maneira natural, em pensei que simplesmente não queria mais fazer parte daquilo e, portanto, resolvi parar de comer carne. Claro que não foi do dia para a noite. Primeiro deixei de comer carne bovina, e passei uns meses comendo frango caipira, peixe e laticínios. Posteriormente larguei o frango caipira, por nojo que me dava ter de tirar a pele para preparar aquele cadáver. Ainda fiquei umas semanas comendo peixe, até assistir ao documentário *A Carne é fraca*. A partir de então, deixei de comer peixe e no mesmo ano, pesquisando os males que os laticínios podem causar à saúde humana, deixei de comer qualquer tipo de alimento de origem animal. Pesquisando em livros e em artigos científicos, percebi que a

“Cada vez mais pessoas se dão conta de que a agricultura industrial (monocultura e a pecuária) é uma grande máquina de destruição da vida, do meio ambiente e conseqüentemente da nossa própria saúde”

pecuária e a agricultura industrial são os principais fatores que promovem a destruição dos ecossistemas. Aprendi também, com a vasta literatura médica que se encontra à disposição de qualquer pessoa, todos os males que estes alimentos podem causar em nosso organismo. Geralmente as pessoas se tornam vegetarianas por amor e respeito aos animais. Entretanto, há pessoas que simplesmente são insensíveis a isso. Mas se essas pessoas tiverem acesso às informações relativas à saúde e ao meio ambiente, podem mudar de ideia. Em 2006 tive a oportunidade de conhecer o Dr. Alberto Gonzalez¹, profissional altamente gabaritado da área médica, principal difusor da terapia com alimentação viva no Brasil. A partir de então, minha vida mudou. Aprendi a germinar grãos e sementes, bem como outras técnicas de preparação de alimentos que exigem o mínimo uso de fogo. É o milagre da alimentação viva, que, no meu entender, é a

¹ **Alberto Gonzalez:** médico e cirurgião formado pela Universidade de Brasília, tendo realizado mestrado e doutorado em medicina pelo Instituto de Pesquisas Cirúrgicas de Munique, Alemanha. Atuou como professor de Fisiologia Neuro-cardiovascular e Respiratória e responsável pelo serviço de Endoscopia Digestiva do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro. Autor do livro *Lugar de Médico é na Cozinha* (Edil editora, 2007, 3ª edição). Médico do Programa de Atenção à Saúde da Família de Campos do Jordão - UNIFESP. Coordenador da Oficina da Semente e do Curso de Extensão “Bases Fisiológicas da Terapêutica Natural e Alimentação Viva” (Nota da IHU On-Line)

alimentação ideal para que qualquer pessoa mantenha uma condição de saúde, bem-estar e qualidade de vida, transbordando felicidade, paz e alegria diariamente.

IHU On-Line - Quais os principais entraves à adoção do vegetarianismo?

Adriano Caceres - Vejo que os principais entraves à adoção do vegetarianismo não são aspectos nutricionais, tampouco científicos, mas são aspectos culturais. Nossa cultura ocidental ainda é muito ligada ao tempo das cavernas, onde supostamente tínhamos que caçar para sobreviver. Ora, devemos lembrar que os homens das cavernas não eram especialistas em nutrição e, além do mais, o tempo das cavernas já passou. Quando tinha por volta de 20 anos de idade, eu não comia nada de verde, cata-va até os pedaços de cebolinha no meio do arroz. Eu realmente achava que tudo o que era verde tinha gosto desagradável. Para isso, há uma explicação bioquímica. Sempre fui acostumado a comer muita carne, muito sal, muitos condimentos, muitos laticínios e muito açúcar. Esses “alimentos” viciam as papilas gustativas da nossa língua, fazendo com que não seja possível saborear outros tipos de alimentos. Hoje em dia, como tudo de todas as cores, e aprendi que existe, de fato, um novo mundo de sabores, que está por trás desse véu da alimentação industrializada. Muitas pessoas ainda alegam que os alimentos de origem vegetal não têm gosto e não tem graça, mas se esquecem de que a carne pura é um alimento fétido e sem gosto, que precisa ser cozido ou frito, para que possa ser possível a sua ingestão. E mesmo a carne cozida ou frita ainda é sem gosto, sendo assim, adiciona-se uma grande variedade de temperos (cebola, alho, cebolinha, coentro, orégano), todos eles do reino vegetal, que tornam um pedaço de cadáver fétido e sem gosto em um pedaço de “bife acebolado”.

IHU On-Line - Como está o seu projeto Semente N’Ativa, de difundir as “receitas vivas”?

“É justamente dentre os jovens que o vegetarianismo cresce mais”

Adriano Caceres - O projeto Semente N'ativa foi criado em 2008 com o objetivo de difundir a alimentação viva através de palestras, oficinas de culinária, cursos e apresentações. Embora não tenhamos ainda muitas pessoas trabalhando conosco, os resultados alcançados foram extraordinários. É impressionante o número de pessoas interessadas em mudar suas vidas através da alimentação. Atualmente, nosso foco de ação encontra-se limitado devido à ausência de um website, que já está sendo construído. Aproveito para divulgar o projeto Maravilhosa Cozinha Natural, do qual faço parte, que será um curso de alimentação viva à distância que será oferecido ao Brasil inteiro, ainda no primeiro semestre de 2011.

IHU On-Line - Como relacionar vegetarianismo, permacultura e agroecologia?

Adriano Caceres - A permacultura² é uma ciência transdisciplinar e uma metodologia de planejamento de ambientes humanos sustentáveis. Através dos conhecimentos da permacultura, podemos planejar e implementar ocupações humanas que são realmente sustentáveis, utilizando a natureza a nosso favor, e não lutando contra ela. A agroecologia nos fornece a base de conhecimento que precisamos para que possamos planejar e implementar sistemas de produção abundantes que possam satisfazer nossas necessidades em relação à alimentação, medicamentos e energia. A maioria das pessoas que praticam a permacultura defende a utilização de animais dentro da propriedade produtiva, chamando a atenção para o fato de que os animais aceleram o processo de ciclagem de nutrientes, através, principalmente de seu es-

2 Sobre o tema, leia a entrevista “Permacultura é trabalhar com a natureza e não contra ela”, com Eduardo Diehl, publicada na IHU On-Line número 224, de 20-06-2007, disponível para download em <http://bit.ly/ctFZOS> (Nota da IHU On-Line)

terco, que fertiliza a terra. Alguns chegam até a afirmar que os animais são essenciais em uma propriedade sustentável, tratando os animais como verdadeiras “máquinas” onde se coloca o alimento de um lado e do outro saem penas, esterco e proteína, seus “produtos”. Eu sempre tento trabalhar com outro conceito de permacultura, que de fato entenda a ética como uma ética irrestrita, que se estenda a todos os seres e a todos os ecossistemas. Entendo que os animais possuem suas próprias necessidades e seus próprios sentimentos, assim como nós. Não vejo sentido em escravizar e confinar os animais, sob qualquer pretexto, na maioria das vezes, antropocêntrico. Ainda assim, admito como medida de transição a criação de animais, desde que isso seja feito de maneira responsável e ética, sem ceifar a vida de seres inocentes. Há muitas propriedades permaculturais que utilizam animais para transportar cargas, para arar a terra e para produzir leite e ovos, e fazem isso com respeito e cuidado para com estes seres. Já é uma situação bem melhor do que a exploração e os maus tratos que os animais sofrem usualmente. De todo modo, acredito plenamente que uma propriedade pode ser sustentável sem os animais de criação. Devemos lembrar que processos eficientes de compostagem de lixo orgânico da cozinha e dos nossos próprios resíduos podem suprir toda a nossa necessidade de adubo. Afinal, os verdadeiros responsáveis pela fertilidade do solo são as minhocas e todos os micro-organismos que se escondem embaixo de uma boa camada de matéria orgânica do solo. Acredito que cada um pode fazer o seu papel, em harmonia com os outros seres, contribuindo para o papel central da natureza, bem como seu único objetivo: continuar a vida.



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

O significado do ato alimentar

Para a antropóloga Maria Eunice Maciel, a alimentação humana vai muito mais além da simples sustentação da vida

POR GRAZIELA WOLFART E PATRÍCIA FACHIN

“**O**s hábitos alimentares não existem isoladamente e nem é possível entender a alimentação de um povo sem ver o todo, a circunstância de existência deste, como se revela o seu ethos particular, como é construída sua identidade”. A análise é da antropóloga Maria Eunice Maciel, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Para ela, “o que comemos, quando, com quem, em que circunstância faz parte do sistema alimentar humano. Assim, nós não simplesmente nos nutrimos ou nos alimentamos, nós comemos, uma relação em que aquilo que é ingerido tem significado para nós. Não comemos alface, comemos uma salada de alface. Sentamos numa mesa ou comemos acorados, com talheres (e que tipo de talheres) ou com as mãos. E por aí vai. Nós nos construímos comendo não apenas biologicamente, mas também social e culturalmente”.

Graduada em Ciências Sociais e especialista em História do Rio Grande do Sul pela UFRGS, Maria Eunice Maciel é especialista, também, em Antropologia Social pela Universidade de Paris. cursou mestrado em Antropologia Social pela UFRGS e doutorado na Universidade de Paris com a tese *Le gaucho bresilien - identite culturelle dans le Sud du Bresil*. De sua produção bibliográfica, destacamos *O lugar comum da diferença* (Porto Alegre: UFRGS, 2009) e *Temas em cultura e alimentação* (Aracaju: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como entender, antropologicamente, a cultura de uma alimentação baseada na carne?
Maria Eunice Maciel - Nós, os humanos, somos onívoros, comemos carne e vegetais. Comemos de tudo, mas escolhemos, arbitrariamente, o que comer. Embora alguns relacionem o consumo de carne com maior agressividade, não há nenhuma comprovação. Assim, países com grande contingente da população adepto do vegetarianismo não teriam guerras e conflitos. Mas não é isso que se observa. É só conhecer a história da Índia para ver como esta afirmação é falsa.

IHU On-Line - Em que medida a alimentação vai além das questões biológicas e relaciona-se com questões culturais e sociais?
Maria Eunice Maciel - A alimentação humana vai muito mais além da simples sustentação da vida. Nós atribuímos significado ao ato alimentar, tornando o alimento em comida. O que comemos,

quando, com quem, em que circunstância faz parte do sistema alimentar humano. Assim, nós não simplesmente nos nutrimos ou nos alimentamos, nós comemos, uma relação em que aquilo que é ingerido tem significado para nós. Não comemos alface, comemos uma salada de alface. Sentamos numa mesa ou comemos acorados, com talheres (e que tipo de talheres) ou com as mãos. E por aí vai. Nós nos construímos comendo não apenas biologicamente, mas também social e culturalmente.

IHU On-Line - Como descreve as culturas nacionais a partir da sua alimentação?

Maria Eunice Maciel - Existem identidades sociais que são construídas a partir de um jogo de diferenças e semelhanças. A comida faz parte deste processo. Há comidas identitárias, associadas a um povo e relacionadas a um território (que pode ser simbólico) fazendo com que um grupo possa ser reconhecido.

O fato de algumas populações adotarem uma dieta vegetariana ou onívora faz com que, culturalmente, elas sejam diferentes? Em que aspectos? Não há nada que indique. Esta é uma afirmação que fica no campo da crença e não de dados científicos ou mesmo de uma comprovação histórica.

IHU On-Line - Os hábitos alimentares influenciam no modo de ser social das culturas orientais e ocidentais?

Maria Eunice Maciel - Eles fazem parte de um todo maior. Os hábitos alimentares não existem isoladamente e nem é possível entender a alimentação de um povo sem ver o todo, a circunstância de existência deste, como se revela o seu ethos particular, como é (são) construída(s) sua(s) identidade(s). Aliás, “orientais” e “ocidentais” são conjuntos muito grandes. A diversidade cultural é riqueza. As relações entre as populações, as trocas, as transformações, enfim, o processo sociocultural da história destas populações pode ex-

plicar (mas é sempre uma interpretação possível) suas diferenças, mas não a alimentação em si, isoladamente.

IHU On-Line - Por que a cultura gaúcha é marcada pela presença da carne? Qual é o significado da carne para o gaúcho? O consumo desse alimento tem algum significado cultural e identitário para o gaúcho?

Maria Eunice Maciel - Em primeiro lugar, o processo histórico de apropriação do território que hoje corresponde ao Rio Grande do Sul foi feito na base do gado. Primeiro com a “caça” ao gado bravo, depois com as estâncias. Carne havia em abundância, tanto que os viajantes, tal como Saint Hilaire, notaram os “hábitos carnívoros” da população. Mas é claro, sendo uma sociedade ancorada na produção de carne, estranho seria se fosse de outra forma. Mas não é a carne e sim o churrasco (veja bem, carne é o elemento, churrasco já tem todo um significado) que identifica. Só para dar um exemplo, “churrascarias gaúchas” ou com nomes associados ao gaúcho existem por todo o Brasil e mesmo fora dele.

IHU On-Line - Que sociedade se estrutura a partir da alimentação moderna?

Maria Eunice Maciel - Não é uma sociedade estruturada com base em um tipo de alimentação. São formas alimentares que existem na atualidade cuja maior característica é a circulação de elementos alimentares (sejam ingredientes, sejam pratos, sejam receitas). De qualquer forma, as mudanças atuais da alimentação estão relacionadas aos novos modos e estilos de vida, às mudanças que ocorrem.

IHU On-Line - Historicamente e antropologicamente, quem é o mito fundador da alimentação brasileira?

Maria Eunice Maciel - Roberto da Matta nos fala da fábula das três raças como uma narrativa fundamental para a sociedade brasileira. Neste sentido, na alimentação também se fala nas “influências” do branco, do negro e do índio na alimentação brasileira. Mas me parece ser mais uma forma de encobrir desigualdades (afinal o negro veio como escravo, o índio foi dizimado e o branco foi o conquistador) pelo discurso da democracia racial.

O vegetarianismo e o consumo ético

Para a nutricionista Claudia Lulkin, o vegetarianismo, hoje, tem cada vez mais a compreensão de seu papel político e econômico no debate do que seja ético

POR GRAZIELA WOLFART

Na visão da nutricionista vegana Claudia Lulkin, “se mudamos o foco central da alimentação para o mundo vegetal com sua infinita diversidade (plantas que nem conhecemos no Rio Grande do Sul, plantas que estão sendo redescobertas) e se utilizarmos as terras agricultáveis para aumentar a produção de alimentos vegetais, teremos saúde ampla”. E, para ela, “saúde não é somente ter mais Unidades Básicas de Saúde. Não! Saúde é sol, ar limpo, água limpa, terra e alimentos limpos, vida digna, habitação ecológica”. Essas e outras afirmações Claudia fez na entrevista que segue, concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Claudia Lulkin, 54 anos, é nutricionista formada em 1993 pela Faculdade de Nutrição do Instituto Metodista de Educação e Cultura - IMEC, de Porto Alegre. Em 1980, passa a integrar a Cooperativa Ecológica Coolmeia. Foi lactovegetariana por 30 anos. Seu filho e nora foram o estímulo para tornar-se vegana e ativista pelos direitos animais. Também participa de outros movimentos populares. Assessora projetos em Nutrição com o foco em alimentação saudável, ministra cursos de culinária vegana, estimulou a “Segunda Sem Carne” em uma escola infantil em Porto Alegre e vem divulgando a ideia de paisagismo alimentar. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o vegetarianismo se relaciona com a questão do consumo ético?

Claudia Lulkin - O vegetarianismo, hoje, tem cada vez mais a compreensão de seu papel político e econômico no debate do que é ético. Produzir com veneno é ético (solos, água, lençóis freáticos poluídos, perda de genes de plantas que sequer conhecemos totalmente)? Ter pessoas que ainda passam fome é ético? “Criar” animais (vidas artificializadas) para alimentação é ético (os animais não são seres de direitos)? Plantar florestas de pinus ou cana-de-açúcar para combustível em vez de alimentos é ético? Manter uma sociedade altamente injusta num país com abundância de sol, recursos naturais e vegetais é ético? Estimular as crianças a comprar pacotes de produtos ditos alimentícios é ético? O vegetarianismo e,

com mais força o veganismo, vem colocando em cheque todas estas questões e se associando a outros movimentos que propõem novas experiências: a permacultura, a agrofloresta, o apoio à agricultura orgânica da agricultura familiar. E propõe, já, a adesão ao movimento Segunda Sem Carne, promovido pela Sociedade Vegetariana Brasileira.

IHU On-Line - Do ponto de vista nutricional, quais as vantagens de aderir ao vegetarianismo?

Claudia Lulkin - A American Dietetic Association - ADA, uma associação com 70.000 membros, basicamente nutricionistas, vem apoiando nossos argumentos: a alimentação vegetariana é preventiva a todos os desequilíbrios chamados doenças da modernidade: os hiper tudo... hiperplasias (tumores), obesidade, diabetes, baixa do sistema

imunológico, que resultam em inflamações e alergias várias, envelhecimento precoce, problemas de dentes, problemas de próstata, degeneração da constituição física dos humanos. Cito a ADA como referência no mundo acadêmico onde as pessoas não são vegetarianas, mas há um grupo de médicos veganos, uma ONG com 25 anos e que está fazendo um grande movimento nos EUA pró-mudança da merenda escolar, que é o Physician Council for Responsible Medicine - PCRM (www.pcrm.org). Também os adventistas têm importantes estudos na área (são ovolactovegetarianos). E há uma Escola de Medicina em Loma Linda, na Califórnia (EUA), muito famosa (<http://lomalindahealth.org/health-library/a-z-health-guide/1/003572.htm>).

IHU On-Line - O que a motivou a adotar o vegetarianismo?

Claudia Lulkin - Sempre que me perguntam isso, fico pensando como aconteceu. Acho que a raiz está na Associação Macrobiótica de Porto Alegre, em 1975. A macrobiótica foi um movimento muito importante no Brasil, influenciou uma geração. A Macrobiótica em Porto Alegre era vegana, mesmo que este termo ainda não fosse conhecido, ou seja, foi lá que entramos em contato com os cereais integrais, com os pães realmente integrais, que voltamos a comer aveia, que voltamos a tomar chá, que discutimos a homeopatia, e em cuja livraria passamos a encontrar conhecimentos inusitados. Como me tornei órfã aos 14 anos e aos 19 encontrei a macrobiótica, passei a estudar para entender a doença do meu pai e da família (câncer). Fui adotando outra dieta. Também era rechonchuda e me incomodava que me chamavam de “fofinha”. Então isso tinha um caráter de descobertas em saúde humana. Foi por lá, também, que encontrei os textos sobre o parto de cócoras, a amamentação, tantas informações que ainda não faziam parte da minha vida. Em 1982 tive uma gravidez vegetariana (vegana-macrobiótica) e fiz um parto de cócoras, assistido por um médico homeopata que fez o parto em casa. Foi uma experiência fantástica!

IHU On-Line - Em que sentido o vegetarianismo pode mudar paradigmas em relação à saúde humana, animal e do planeta?

Claudia Lulkin - Se mudamos o foco central da alimentação para o mundo vegetal com sua infinita diversidade (plantas que nem conhecemos no Rio Grande do Sul, plantas que estão sendo redescobertas) e se utilizarmos as terras agricultáveis para aumentar a produção de alimentos vegetais, teremos saúde ampla. Saúde não é somente ter mais Unidades Básicas de Saúde. Não! Saúde é sol, ar limpo, água limpa, terra e alimentos limpos, vida digna, habitação ecológica. Acho que posso falar tranquilamente sobre isso, pois fui vivenciar o que estou “teorizando” em vários lugares lindos do Brasil e fora dele.

IHU On-Line - Qual a funcionalidade da alimentação vegana, ou em que medida podemos afirmar que a alimentação vegana e viva é funcional?

Claudia Lulkin - A nutrição funcional reconhece os princípios ativos presentes nos alimentos. A maior parte desses alimentos que a nutrição funcional sugere vem do mundo vegetal, pois é aí que se encontram os pigmentos curativos: flavonóides, antocianina, carotenos, clorofila. Esses pigmentos resultam da fotossíntese, da relação do sol com a água, o ar, a terra e as sementes das plantas. As plantas são a materialização dessa relação, eu diria dessa alquimia que acontece na mãe natureza para utilizar termos mais “indígenas”, culturas que ainda têm uma relação forte com o ambiente natural. Muitos de nós também estamos resgatando essa compreensão em nossas vidas. Isso sem falar nos princípios ativos presentes nas plantas medicinais, nas aromáticas e condimentares, que são nutritivas, preventivas e curativas.

IHU On-Line - Qual o papel da Cooperativa Ecológica Coolmeia no movimento pela agricultura orgânica no RS?

Claudia Lulkin - A Cooperativa Coolmeia¹

¹ Coolmeia Ecológica: fundada em 1978, a Cooperativa Coolmeia certifica e fornece um selo próprio aos agricultores do sul do Brasil. Também presta assessoria em Agricultura Ecológica através de cursos, palestras e projetos para propriedades rurais ecológicas. Além de coordenar uma Feira em Porto Alegre (às quartas-feiras e sábados), administra uma lancheria e um restaurante onde são vendidos os produtos orgânicos produzidos pelos agricultores certificados. Sobre a Coolmeia, confira a entrevista concedida pela jornalista Lilian Dreyer à IHU On-Line 324, de 12-04-2010, intitulada *Adequação ecológica: única forma de garantir a sustentabilidade*, dis-

começou a partir de uma mobilização de consumidores de alimentos que já discutiam a falta de qualidade da alimentação industrial - artificial (grãos descortçados, refinados - muita farinha branca, açúcar refinado, com corantes, saborizantes e afins de laboratório). Na medida em que se começou a buscar alimentos junto aos produtores, (e era um momento planetário desse debate), essa cooperativa se tornou um espaço, um lugar de encontros e de ações pró-agricultura ecológica. Aos poucos, foi se tornando um lugar de referência dessa busca de alimentação com qualidade: integral, orgânica. A Coolmeia tinha uma visão muito clara da ecologia no dia a dia. Esse era nosso mote. Como fazíamos almoços e lanches, o “entra e sai” de pessoas transformou a Coolmeia num ponto de cultura ecológico. E, a partir de outubro de 1989, se tornou as bases de feiras ecológicas em Porto Alegre, com ressonância no Rio Grande do Sul e no Brasil. A Feira dos Agricultores Ecologistas de Porto Alegre comemorou seus 21 anos no sábado, 16 de outubro, (Dia Mundial da Alimentação) com bela festa.

IHU On-Line - Quais as principais bases do cooperativismo autogestionário, que está em contraposição ao cooperativismo do agronegócio?

Claudia Lulkin - O cooperativismo, *a priori*, aponta para a autogestão, para a auto-organização dos que se reúnem para práticas onde há cooperação. Os imigrantes no Rio Grande do Sul conseguiram sobreviver e evoluir economicamente através do cooperativismo que trouxeram da Itália, da Alemanha. Mas com a “Revolução Verde”, o cooperativismo muda. As cooperativas de trigo e soja se tornaram grandes empresas - onde os produtores “da base” deixaram de ter voz ativa. Esse foi o modelo utilizado para facilitar a rapidez do avanço do modelo da agropecuária ou agronegócio, agrobusiness. Na divisão econômica internacional coube aos governos ditatoriais na América do Sul “facilitar” a implementação e rápida adesão a essa visão e prática. O Brasil passa a se tornar um dos maiores exportadores de carne do planeta, tendo a cadeia dos alimentos para os animais organizada por esse modelo.

ponível em <http://bit.ly/bcGwLK>. (Nota da IHU On-Line)

Vegetarianismo: uma postura ética de respeito aos seres vivos

Se as pessoas aderissem ao vegetarianismo, os impactos seriam positivos em três aspectos: saúde, prevenção ambiental e respeito aos animais, defende Marly Winckler

POR GRAZIELA WOLFART E PATRÍCIA FACHIN

Além dos benefícios que o vegetarianismo pode trazer à saúde, como a prevenção de doenças crônicas, esta prática alimentar é vista como uma alternativa para amenizar os problemas ambientais do século XXI. Marly Winckler atribui à produção de carne a causa de um dos maiores problemas ambientais. “A indústria da carne é a principal responsável pelo uso e contaminação da água. 20% da Floresta Amazônica já foi destruída e os principais fatores responsáveis por essa destruição é a criação de gado e a plantação de soja”. Para Marly, “ao nos alimentarmos com carne, estamos contribuindo com uma enorme violência”.

Marly está na Índia e, na entrevista que aceitou conceder à IHU On-Line por e-mail, conta que o vegetarianismo é a prática dominante entre os indianos, embora perceba que eles estão “começando a seguir a cultura ocidental e isso inclui o consumo de carne, mas, ao mesmo tempo, surgem movimentos contrários de valorização do vegetarianismo”.

Marly Winckler é a tradutora para o português do livro *Animal liberation* (New York: Harper Collins, 2002) - *Libertação animal* (Porto Alegre: Lugano, 2004), do filósofo Peter Singer. Além de socióloga e tradutora, Winckler é vegetariana desde 1982. Ela criou um sítio vegetariano, o SítioVeg (www.vegetarianismo.com.br), e modera as listas de discussão sobre vegetarianismo “veg-brasil” e “veg-latina”. É coordenadora para a América Latina e o Caribe da International Vegetarian Union - IVU (www.ivu.org/latin-america.html), com sede na Inglaterra. Preside a Sociedade Vegetariana Brasileira - SVB (www.svb.org.br) e é autora dos livros *Vegetarianismo - Elementos para uma Conversa Sobre* (Florianópolis: Ed. Rio Quinze, 1992) e *Fundamentos do Vegetarianismo* (Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Onde e em que momento histórico nasce o movimento vegano e vegetariano?

Marly Winckler - Há milênios, algumas pessoas não se alimentam de carne, mas o nome vegetariano surgiu em 1847, na Inglaterra. Nessa ocasião, foi criada a Sociedade Vegetariana que existe até hoje. A Sociedade Vegana foi formada também na Inglaterra, em 1944.

IHU On-Line - Por que não deveríamos comer produtos de origem animal?

Marly Winckler - No que diz respeito à saúde, os vegetarianos tem índice 50% menor de diabetes, 31% menor de cardiopatias, e menos tendência a ter cânceres (sendo índice do câncer de próstata 54% menor e o do de intestino grosso, 88% menor). Se esses dados fossem considerados, seria possível

mudar o quadro de saúde no país.

Meio Ambiente

Vivemos graves problemas ambientais atualmente. A indústria da carne é a principal responsável pelo uso e contaminação da água. 20% da Floresta Amazônica já foi destruída e os principais fatores responsáveis por essa destruição é a criação de gado e a plantação de soja. O brasileiro não consome soja - a não ser uma pequena parcela para a produção de óleo, ou seja, essa soja é exportada para alimentar animais em outros países.

A Floresta Amazônica detém cerca de 25% de todas as espécies animais e vegetais do planeta. Estamos perdendo nossa extraordinária biodiversidade sem ao menos conhecê-la. O grave problema do aquecimento global também está li-

gado à criação de gado. 18% das emissões de gases de efeito estufa vem do gado e apenas 13% de todos os transportes somados, segundo a ONU. No Brasil, ao contrário de outros países, não são as cidades as principais emissoras de gases de efeito estufa. São Paulo e Rio emitem relativamente pouco, cerca de 1,5 de CO₂ per capita por ano em São Paulo e aproximadamente 2% no Rio de Janeiro, quando a média brasileira é de 8,2% - colocando o Brasil entre os dez principais emissores. De onde vêm esses gases? Das queimadas da floresta e da enorme quantidade de bovinos criada no Brasil - que superam o número de pessoas. Na Amazônia há quatro vezes mais bovinos que pessoas.

Animais

Nunca os animais foram tratados

de forma tão desrespeitosa, como um objeto na linha de produção - gerando enorme sofrimento. Se queremos paz, não devemos semear violência e, ao nos alimentarmos com carne, estamos contribuindo com uma enorme violência.

IHU On-Line - A senhora mencionou que está na Índia. A cultura vegana e vegetariana é mais aceita no Oriente do que no Ocidente? Que aspectos fazem com que o vegetarianismo seja mais difundido em uma determinada cultura do que em outra?

Marly Winckler - Estou na Índia e aqui ainda é possível um vegetariano fazer parte da maioria em alguns estados, como em Gujarat. Infelizmente, os indianos estão a passos largos começando a seguir a cultura ocidental e isso inclui o consumo de carne. Ao mesmo tempo, porém, surgem movimentos contrários de valorização do vegetarianismo. O que fez a Índia se tornar um país majoritariamente vegetariano foram as religiões locais, as quais pregam o vegetarianismo. Houve uma época, no tempo do rei Ashoka, em que 100% dos indianos era de vegetarianos.

IHU On-Line - Quais os desafios de uma alimentação ética, considerando que parte da população mundial ainda vive na miséria e passa fome?

Marly Winckler - Tudo está ligado e, por não termos, principalmente no ocidente, uma alimentação ética, entre outros fatores, temos tanta pobreza, doenças, fome, violência. Quando acordarmos para isso como humanidade e tivermos líderes esclarecidos e com força política para reverter essa situação, privilegiando a alimentação ética, saudável e sustentável, representada apenas pelo vegetarianismo, podemos ter esperança de um mundo melhor, sem a enorme violência em que vivemos mergulhados no momento.

LEIA MAIS...

>> Marly Winckler já concedeu outra entrevista à IHU On-Line.

* *Vegetarianismo: uma postura ética e filosófica.* Publicada na edição 191, intitulada *Por uma ética do alimento Sobriedade e compaixão.* Acesse no link <http://migre.me/206kz>.

Animais: sujeitos de direitos

Para a psicóloga Eliane Carmanim Lima, ativistas e veganos que discutem questões éticas são os porta-vozes de uma nova cultura que está emergindo

POR PATRICIA FACHIN

É no Brasil, um dos países que mais exporta carne para o mundo, que cresce o número de pessoas aderindo ao vegetarianismo. Segundo a socióloga e ativista pelos direitos dos animais, Eliane Carmanim Lima, na entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, “as pessoas não querem mais se alimentar de animais”. A opção, explica, está diretamente relacionada à ética.

Segundo a pesquisadora, a sociedade passa por uma revolução cultural no que se refere à alimentação e começa, lentamente, a romper “com esta lógica de que o homem é o centro do universo”.

Eliane Carmanim Lima é psicóloga e pós-graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS em Sociologia e Projetos Sociais. Em 2008, criou um cadastro de vegetarianos, o Cadastro-Veg, e tem acompanhado, desde então, o avanço do vegetarianismo no país. Ela é conhecida por suas atuações como ativista pelos direitos dos animais. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O Brasil já é o segundo país em que mais cresce o vegetarianismo, ficando apenas atrás do Canadá. Como entender essa mudança em um país que é considerado um dos maiores produtores de carne?

Eliane Carmanim Lima - 80% das pessoas que estão aderindo ao vegetarianismo fazem isso por uma opção ética e não porque estão preocupadas com a saúde. As pessoas não querem mais se alimentar de animais. Apenas 20% do que se tornam vegetarianos fazem essa opção por uma questão de saúde. Os veganos, numa ponta mais radical, além de não comer carne, não consomem outros produtos de origem animal como sapatos, bolsas, roupas.

A alimentação humana não é, apenas, um ato biológico, pois está relacionada a um impulso cultural onde somos condicionados a nos alimentarmos conforme os nossos ancestrais.

Está havendo uma mudança cul-

tural, na qual as pessoas estão refletindo sobre esse ato inconsciente. Nesse sentido, a sociedade está compreendendo qual é o significado de comer carne.

IHU On-Line - A senhora diz que estamos vivendo uma grande revolução cultural, a revolução vegetariana. Que aspectos demonstram essa revolução? Quais são as evidências dessa revolução?

Eliane Carmanim Lima - Há ainda uma superioridade do ser humano em relação aos animais e à natureza. A crença predominante é de que a natureza e os animais foram feitos para serem objetos do homem. O homem é tido como a medida de todas as coisas e tudo foi feito para ele. Quando falo em revolução, refiro-me no sentido de mudar essa relação com a natureza. A ideia é que não somos o que há de melhor neste planeta e os demais seres vivos precisam ser respeitados. Nesse sentido, há uma revolução que

muda a característica que predomina desde que o homem é homem. Agora estamos começando a romper com esta lógica de que o homem é o centro do universo. Os ativistas e veganos que discutem a questão ética são porta-vozes dessa nova cultura que está emergindo.

A crueldade com animais é proibida desde os anos 1980, mas, hoje, qualquer atitude que envolve animais tem uma grande repercussão. As mudanças culturais se cristalizam na legislação. Foi assim com o novo Código Civil Brasileiro. No Equador, a Constituição entende os animais e a própria natureza enquanto sujeitos de direitos. No Brasil, somente os seres humanos são sujeitos de direitos. A crueldade com o animal é proibida, ele não é propriedade de ninguém. Na Espanha, os primatas já têm esse status de sujeitos de direitos. Referimo-nos aos animais como se nós não fossemos animais. Existe uma demanda de que todos devem ser considerados animais, com os mesmos direitos. Está havendo uma demanda da aplicação destas leis.

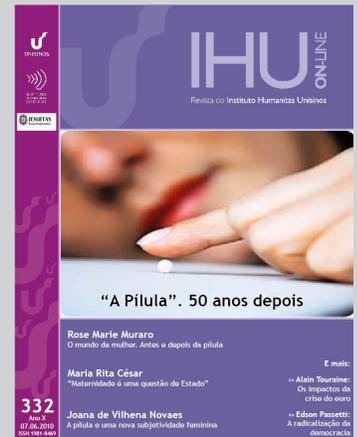
Quando me tornei vegetariana, em Porto Alegre existiam poucos restaurantes e, hoje, existem uns 50. Isso mostra uma mudança cultural. Outro exemplo são os testes realizados com animais. De acordo com a legislação brasileira, os medicamentos ainda devem ser testados em animais. Entretanto, na embalagem de alguns produtos, por demanda dos ativistas, há a informação de que não são realizados testes com animais e de que o produto não possui origem animal. Existe um mercado que cresce aceleradamente e quer saber quais são esses produtos.

Outra prova de que há uma mudança é o fato de que as faculdades do Brasil estão acabando com o uso de animais no ensino, lentamente. Eles estão utilizando métodos substitutos.

IHU On-Line - Qual é o perfil das pessoas que estão aderindo ao vegetarianismo?

Eliane Carmanim Lima - Os jovens estão aderindo ao vegetarianismo, mas também é comum que filhos de pais vegetarianos façam a mesma opção. Conheço uma família em Brasília que está na quinta geração de vegetarianos. Isso é comum na Índia. Quando falamos do vegetarianismo do ponto de vista da ciência, esquecemos que existem vegetarianos na Índia, há cinco mil anos e são saudáveis. O discurso cultural mostra que estamos condicionados a não perceber que alimentos consumimos.

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

O nó fiscal no caminho da presidente Dilma

Um dos maiores desafios de Dilma é desatar o “nó fiscal”, além de promover o crescimento do investimento público “sem ter que recorrer a aumentos sucessivos de carga tributária e ao mesmo tempo promover o aumento dos gastos sociais e reajustes do salário mínimo que sejam menores que o crescimento do PIB nominal”, menciona Mansueto de Almeida

POR PATRÍCIA FACHIN

Uma das economias que mais cresceu nos últimos anos, a China, é a responsável pela “guerra cambial”, diz o economista do IPEA, Mansueto de Almeida. Segundo ele, a economia norte-americana, depois de passar por vários desequilíbrios, mantém o dólar desvalorizado “para equilibrar a conta corrente do balanço de pagamentos. A China, sim, pode ser acusada de manipular a taxa de câmbio e prejudicar a competitividade dos demais países emergentes, ao fixar a paridade da sua moeda em relação ao dólar”. Nesta disputa, explica o economista, os chineses ficaram ainda mais competitivos e prejudicarão a indústria dos países emergentes. Se os outros países tentarem “evitar a valorização de suas moedas frente ao dólar, aí sim teremos uma guerra cambial e todos perdem porque isso seria o início de uma onda protecionista e de controle do comércio internacional”.

Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, o economista mencionou que a equação dólar desvalorizado e real apreciado pode levar a uma desindustrialização no cenário nacional. “O crescimento dos demais países que formam o BRIC aumentam a demanda por commodities do Brasil e a indústria da China e de outros países da Ásia com baixo custo da mão de obra é um risco grande para vários setores industriais do Brasil e América Latina”.

Mansueto Almeida é formado em Economia pela Universidade Federal do Ceará - UFCE, mestre em Economia pela Universidade de São Paulo - USP. Ele cursou doutorado em Políticas Públicas no MIT, Cambridge, EUA. Almeida é ex-coordenador-geral de política monetária e financeira na Secretaria de Política Econômica no Ministério da Fazenda (1995-1997), ex-assessor da Comissão de Desenvolvimento Regional e de Turismo do Senado Federal (2005-2006). Em seu blog, publica artigos sobre desenvolvimento, política econômica e crescimento. Acesse em <<http://mansueto.wordpress.com/>>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os efeitos da expansão monetária do dólar¹ para a economia norte-americana e como isso repercutirá na economia brasileira e no mercado internacional?

Mansueto Almeida - O ideal para reativar a economia americana seria maior gasto fiscal, apesar do déficit elevado das contas fiscais e do crescimento da dívida. Mas os EUA têm ainda condi-

ções de financiamento muito melhores do que qualquer outro País do mundo e uma carga tributária muito inferior aos demais países desenvolvidos. Mas o embate político por lá torna a expansão fiscal, que precisa da aprovação do congresso, muito difícil e, assim, o peso desse novo estímulo recaiu integralmente no FED². Essa expansão monetária será benéfica para os EUA e, no curto prazo, ruim para os países emergentes inclusive Brasil, pois será mais uma pressão para desvalorização

do dólar e valorização do real.

IHU On-Line - A guerra cambial internacional é uma guerra entre emergentes e desenvolvidos ou uma guerra entre China e EUA?

Mansueto Almeida - Acho que os Estados Unidos não promovem uma “guerra cambial”. A economia americana passou e passa por vários desequilíbrios que, naturalmente, ocasionariam um dólar mais desvalorizado para equilibrar a conta corrente do balanço de pagamentos. A China, sim, pode ser acusada de manipular a taxa de câmbio e prejudicar a com-

¹ Sobre esse tema, confira a notícia Sob dúvidas, BC americano lança pacote de estímulo de US\$ 600 bi, publicada nas Notícias do Dia 04-11-2010, disponível em <http://bit.ly/bR-DUcD>. (Nota da IHU On-Line)

² FED: Instituição correspondente ao Banco Central Americano (Nota da IHU On-Line)

petitividade dos demais países emergentes, ao fixar a paridade da sua moeda em relação ao dólar. E a China consegue fazer isso porque tem uma poupança elevadíssima, acima de 40% do PIB, que permite que o governo tenha um elevado poder de fogo para comprar dólares e acumular cada vez mais reservas. O Brasil não pode fazer esse tipo de política porque não temos poupança para isso e esse tipo de política teria um custo fiscal altíssimo.

IHU On-Line - Então a China se fortalece a partir desta guerra cambial?

Mansueto Almeida - A China que já é competitiva tanto na fabricação de calçados quanto na produção de equipamentos eletrônicos ficará mais competitiva ainda prejudicando a indústria dos demais países emergentes. E se outros países começarem a fazer o mesmo, tentar evitar a valorização de suas moedas frente ao dólar, aí sim teremos uma guerra cambial e todos perdem porque isso seria o início de uma onda protecionista e de controle do comércio internacional.

IHU On-Line - O que está guerra cambial significa? Ela é um reflexo da crise econômica de 2008?

Mansueto Almeida - A guerra cambial reflete um equívoco muito sério: Países tentam exportar para outros a dificuldade de ajuste interno para promover o crescimento da demanda. Mas nem todos países conseguem determinar a taxa de câmbio, já que essa política, normalmente, implica o acúmulo de reservas que tem um custo fiscal. Se o Brasil quisesse fixar o valor da taxa de câmbio, o Banco Central teria que comprar toda a oferta de dólares na economia brasileira e isso levaria a um crescimento muito mais rápido das reservas e o aumento da dívida pública com um elevado impacto fiscal, já que para se endividar pagamos 10,75% ao ano (taxa SELIC) e a remuneração de nossas reservas está baixo de 3% ao ano. O pior é que a guerra cambial pode evoluir para medidas protecionistas adotadas por vários países, agravando mais ainda o problema, pois isso significa produtos mais caros para os consumidores e proteção de indústrias

“Essa expansão monetária será benéfica para os EUA e, no curto prazo, ruim para os países emergentes, inclusive o Brasil, pois será mais uma pressão para desvalorização do dólar e valorização do real”

eficientes e ineficientes.

IHU On-Line - Como o Brasil pode se manifestar e também se proteger da guerra cambial?

Mansueto Almeida - O Brasil tem um problema complicado pelo seguinte motivo. O padrão de comércio mundial que tem prevalecido desde 2003 é altamente positivo para os setores nos quais o Brasil já é competitivo, que são aqueles ligados à indústria extrativa, petróleo e gás, e toda cadeia agropecuária. O saldo comercial elevado em alguns desses setores e o seu crescimento melhoram os indicadores da economia brasileira, independentemente do que vem ocorrendo com os demais setores da indústria. Um real mais desvalorizado não resolve esse problema, já que a rentabilidade hoje na produção e exportação de commodities é muito maior do que fabricar calçados ou carros no Brasil, qualquer que seja a taxa de câmbio.

O que o Brasil poderia fazer era incentivar com outros mecanismos (redução seletiva de impostos ou concessão de crédito subsidiado) os setores específicos que são mais afetados pela guerra cambial. Mas para fazer isso precisamos de recursos fiscais que hoje não estão sobrando. Não há nenhuma mágica a ser feita. Incentivos maiores para alguns setores terão que ser pagos por outros setores ou pela sociedade. A Austrália fez justamente isso com a proposta de

aumentar a tributação para algumas commodities específicas como minério de ferro, carvão, petróleo e gás e, assim, tentar corrigir essa diferença de rentabilidade entre setores. Apenas as exportações de minério de ferro e carvão respondem por 30% da pauta de exportação da Austrália e o governo fez opção de diminuir a rentabilidade desses setores para estimular com um câmbio mais desvalorizados os demais.

IHU On-Line - Por que o mercado financeiro tem interesse na guerra cambial?

Mansueto Almeida - Porque qualquer coisa que seja feito terá impacto na oferta e demanda por dólar, com impacto na taxa de câmbio e, logo, na rentabilidade das aplicações de estrangeiros em real. Mesmo com o aumento de IOF³, aplicações no Brasil continuam muito atraentes e o dinheiro estrangeiro vai continuar entrando. Para que as aplicações em renda fixa parassem de entrar, a rentabilidade do investimento em real menos a desvalorização esperada da taxa de câmbio teria que ser próxima de zero. Mas como a tendência do real é de valorização, essa equação só fecha com um real hoje ainda mais valorizado; o que ninguém quer. Por outro lado, se tentarmos controlar o dinheiro que vem para o mercado de ações, vamos diminuir a liquidez do mercado e dificultar o financiamento de nossas empresas. Toda essa discussão em torno da taxa de câmbio mexe com a rentabilidade de vários produtos, operações de investimento direto, operações de fusão e aquisição que envolvem investidores externos e daí a importância do debate para o mercado financeiro.

IHU On-Line - Dólar desvalorizado e real apreciado pode gerar desindustrialização cenário nacional?

Mansueto Almeida - Pode. O debate da desindustrialização está na praça, mas é exagerado falar que o Brasil já passa por um forte processo de desindustrialização. Embora a indústria manufatureira tenha

³ IOF: Imposto sobre Operações de Crédito, Câmbio e Seguros, que incide sobre operações de crédito, de câmbio e seguro e operações relativas a títulos e valores mobiliários. É um imposto federal, ou seja, somente a União tem competência para instituí-lo (Art.153, V, da Constituição Federal). (Nota da IHU On-Line)

“O pior é que a guerra cambial pode evoluir para medidas protecionistas adotadas por vários países, agravando mais ainda o problema, pois isso significa produtos mais caros para os consumidores e proteção de indústrias eficientes e ineficientes”

perdido participação na nossa pauta de exportação, o mercado interno tem sido uma fonte importante de demanda para produtos industriais e, assim, a meu ver, não passamos por um processo de desindustrialização até o momento. Isso pode vir a ocorrer? Pode. O crescimento dos demais países que formam o BRIC aumentam a demanda por commodities do Brasil e a indústria da China e de outros países da Ásia com baixo custo da mão de obra é um risco grande para vários setores industriais do Brasil e América Latina. Mas esse movimento não é algo que surgiu agora ou no ano passado, isso é uma tendência que vem acontecendo há vários anos.

IHU On-Line - Dilma anunciou que manterá o regime de câmbio flutuante. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios econômicos para a nova presidente?

Mansueto Almeida - O Brasil vem passando por um período de crescimento e de condições externas positivas, mesmo com a crise do final de 2008. A perspectiva de crescer nos próximos anos entre 4% e 4,5% ou até um pouco mais, se conseguirmos aumentar a taxa de investimento acima de 20% do PIB, é um cenário muito bom. O problema é que estamos em um momento que talvez mais do mesmo não seja suficiente para continuar o crescimento de renda com redução da desigualdade que observamos desde 2001. Nosso modelo de crescimento é baseado em gastos sociais crescentes, salário mínimo com reajustes reais que levam também a uma carga tributária crescente. Desde 2000, por exemplo, o salário mínimo no Brasil teve um aumento de 87% em termos reais. Em dólar esse aumento foi ainda maior. Mas não se consegue desenvolvimento apenas com aumento do mínimo e o outro lado dessa

moeda, que é uma carga tributária crescente, vai sufocando a competitividade da indústria brasileira.

O Brasil tem uma agenda de infraestrutura que afeta o chamado custo Brasil que anda de forma muito lenta e precisamos urgentemente aumentar o investimento público. Por outro lado, como todos os outros gastos continuam crescendo, o aumento do investimento público vai exigir mais recursos fiscais que significa maior carga tributária. Por isso que hoje se discute o retorno da CPMF, pois não há recursos suficientes para se aumentar investimentos em educação, saúde e infraestrutura, e ainda continuar com a expansão dos gastos sociais e os reajustes reais do mínimo.

O grande desafio para a presidente é justamente desatar esse nó fiscal, além de tentar promover o crescimento do investimento público sem ter que recorrer a aumentos sucessivos de carga tributária e, ao mesmo tempo, promover o aumento dos gastos sociais e reajustes do salário mínimo que sejam menores que o crescimento do PIB nominal.

Por outro lado, o Brasil precisa fazer muita coisa errada para não dar certo. Além de termos uma economia diversificada com instituições muito mais estáveis do que os demais países do BRIC, o Brasil aumentou sua riqueza natural com a descoberta das reservas do Pré-sal, o que significa mais recursos que podem ser investidos em educação, inovação e saúde. Mas precisamos entender que não podemos fazer tudo e precisamos definir prioridades. A discussão do projeto do Trem Bala é, na minha visão, um evidente equívoco em um País que precisa urgentemente recuperar a malha rodoviária, investir em portos e aeroportos. É isso que me preocupa. A ilusão é que não precisamos fazer escolhas. A nova presidente tem escolhas difíceis pela frente.

ESCOLA DE
FORMAÇÃO FÉ,
POLÍTICA E
TRABALHO - 2010
SOCIEDADE
SUSTENTÁVEL E
FUNDAMENTO ÉTICO
DE UMA CONSCIÊNCIA
PLANETÁRIA

PROF. DR. ALOÍSIO
RUSCHEINSKY

INFORMAÇÕES

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Brasil não deve depender de “poupança” externa

Para o economista Fernando Ferrari, nosso país só pode ter uma trajetória de “crescimento econômico sustentável, estabilidade monetária e equilíbrio externo” se não depender de “poupança” externa

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“O regime de dominância monetária impõe, ao país, a armadilha do câmbio. É melhor enfrentarmos logo tais questões, pois, caso, contrário, os desequilíbrios externos serão ainda maiores (a previsão otimista para 2011 é de que teremos um déficit em transações correntes da ordem de 65,0, bilhões de dólares)”. A ponderação é do economista Fernando Ferrari Filho, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Fernando Ferrari Filho é graduado em Economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, doutor em Economia pela Universidade de São Paulo - USP, e pós-doutor pela University of Tennessee System (1996). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O FED anunciou que irá comprar 600 bilhões de dólares americanos em títulos do Tesouro para reestimular a economia americana. Como avalia essa medida? Quais os efeitos disso para a economia estadunidense e para a economia global?
Fernando Ferrari - A despeito dos incentivos fiscais e monetários implementados pelas autoridades econômicas dos Estados Unidos da América desde o início da crise financeira, a economia norte-americana continua com sérios problemas: a recuperação do PIB tem sido tímida, a taxa de desemprego está elevada, o setor financeiro está ligeiramente “empoçado” etc. Nesse sentido, as novas medidas são mais uma tentativa de expandir a liquidez da economia norte-americana. Se o efeito for positivo, haverá expansão de crédito, maiores demandas por consumo e investimento, crescimento do PIB, etc. Se o PIB dos EUA voltar a crescer dinamicamente, a economia mundial tende a crescer um pouco mais.

IHU On-Line - Quais os efeitos da medida do FED para a economia brasileira? Como essa medida irá repercutir na econo-

mia brasileira?

Fernando Ferrari - Se a compra de títulos públicos em mãos dos bancos comerciais por parte do FED resultar em expansão de liquidez e crédito, a economia norte-americana tende a crescer mais e, com ela, a economia mundial. O Brasil, em particular, tende a se beneficiar, pois cerca de 17,0% das exportações brasileiras são destinadas para os EUA. Se, todavia, continuar havendo “empoçamento de crédito” e a liquidez injetada na economia norte-americana gerar tão somente uma pressão inflacionária futura, as taxas reais de juros dos EUA tendem a cair e, naturalmente, os *rentistas* continuarão buscando aplicações financeiras em países emergentes, dentre os quais o Brasil. Nessa situação hipotética, um maior ingresso de capitais na economia brasileira tende a apreciar ainda mais a taxa de câmbio.

IHU On-Line - A guerra cambial internacional é uma guerra entre emergentes e desenvolvidos ou uma guerra entre China e EUA? Quem é responsável pela guerra cambial?

Fernando Ferrari - Eu não diria que há uma “guerra cambial” explícita, apesar de não discordar da expres-

são cunhada pelos *policymakers*. Para mim, há um movimento de depreciação cambial acentuada em duas economias: na China, há muito tempo a taxa de câmbio é subvalorizada para assegurar competitividade dos produtos chineses no mercado internacional; o dólar tem se depreciado no mercado internacional em decorrência, em grande parte, da continuidade da crise, dos déficits gêmeos (fiscal e externo) etc. Como os países, sejam desenvolvidos, sejam emergentes, não querem perder competitividade no comércio internacional, é natural que haja uma reação de política cambial por parte dos *policymakers* para minar os efeitos deletérios da depreciação do dólar.

IHU On-Line - Em que sentido o anúncio de medidas nos EUA pode interferir na guerra cambial?

Fernando Ferrari - Se, conforme mencionado acima, a injeção de liquidez gerar tão somente pressões inflacionárias futuras, logo, em um contexto de manutenção das taxas básicas de juros dos EUA ao redor de 0,25% e de dinamização das operações de *carry trade*, os *rentistas* (dentre os quais as próprias instituições financeiras) diversifi-

carão seus portfólios, buscando rentabilidades mais atrativas em mercados financeiros emergentes. Assim sendo, saída de capitais nos EUA e, por conseguinte, ingresso de capitais em países emergentes tende a acentuar mais volatilidade cambial.

IHU On-Line - O mercado financeiro tem interesse na guerra cambial?

Fernando Ferrari - Se as posições compradas ou vendidas por câmbio forem equivocadas, obviamente que o mercado financeiro não tem interesse na "guerra cambial". Se, todavia, a precificação dos movimentos de câmbio for antecipada, o mercado financeiro continua com sua lógica.

IHU On-Line - Quem ou que país está se fortalecendo com esta guerra cambial?

Fernando Ferrari - Em uma situação de configuração de "guerra cambial", via de regra, todos os países perdem. No momento, a China, talvez, não sofra os efeitos da "guerra cambial" pelo fato de que o regime cambial chinês é, há muito tempo, administrado e, por causa disso, a taxa de câmbio tem se mantido subvalorizada.

IHU On-Line - O que está em jogo nesta guerra cambial?

Fernando Ferrari - Mercados internacionais. Ou seja, o crescimento para fora (via exportações) é uma forma de se contornar crises de demanda efetiva.

IHU On-Line - Dólar fraco e real apreciado podem gerar desindustrialização no cenário nacional?

Fernando Ferrari - A tendência é essa. Nos últimos anos tem havido uma que-

da acentuada das exportações manufaturadas brasileiras. As exportações concentradas em *commodities*, por sua vez, têm aumentado. Parte dessa alteração da pauta de exportações brasileiras deve-se à apreciação cambial.

IHU On-Line - Como o Brasil pode se proteger da guerra cambial?

Fernando Ferrari - Para ter uma taxa real de câmbio competitiva, política monetária e controles de capitais são fundamentais. Se as autoridades econômicas brasileiras quiserem estancar o processo de apreciação cambial e de volatilidade da taxa de câmbio, redução abrupta da taxa de juros e controles de capitais (ou qualitativos, tipo IOF, ou quantitativo, tipo depósitos compulsórios, "quarentena" etc.) não podem ser descartados.

IHU On-Line - Qual a importância de discutir a guerra cambial neste momento, pós-eleições?

Fernando Ferrari - O Brasil somente terá uma trajetória de crescimento econômico sustentável, estabilidade monetária e equilíbrio externo sem depender de "poupança" externa se enfrentar as questões monetária e cambial. O regime de dominância monetária impõe, ao país, a armadilha do câmbio. É melhor enfrentarmos logo tais questões, pois, caso, contrário, os desequilíbrios externos serão ainda maiores (a previsão otimista para 2011 é de que teremos um déficit em transações correntes da ordem de 65,0 bilhões de dólares).

IHU On-Line - Dilma anunciou que manterá o regime de câmbio flutu-

ante. Quais são, na sua opinião, os maiores desafios econômicos para a nova presidente?

Fernando Ferrari - Que tipo de câmbio flutuante? Flutuante em que o mercado determina a taxa de câmbio? Se for esse o regime cambial preconizado pela futura presidente, a crise cambial, cedo ou tarde, estoura. Se, todavia, por flutuante se entende intervenções (não pontuais, mas sistemáticas) no mercado de câmbio para que se obtenha uma taxa de câmbio de equilíbrio competitiva, então estamos de acordo. Ademais, mais uma vez ressalto tal ponto, as taxas de juros e de câmbio estão erradas. Portanto, alterações nas políticas monetária e cambial não podem ser adiadas.

LEIA MAIS...

>> Fernando Ferrari concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

* *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*. Cadernos IHU Ideias, nº 37, disponível em <http://bit.ly/aoKCFa>;

* *A economia brasileira e a síndrome de Peter Pan*, Revista IHU On-Line nº 338, de 09-09-2010, intitulada *Economia brasileira. Desafios e perspectivas*. Confira no link <http://bit.ly/bjzxfY>;

* *"O mercado somente funciona com a 'mão visível' do Estado"*, Revista IHU On-Line nº 330, de 4/5/2010, intitulada *A crise da zona do euro e o retorno do Estado regulador em debate*. Confira no link <http://migre.me/12P1D>;

* *Uma política econômica única e exclusivamente para controlar a dinâmica inflacionária*. Revista IHU On-Line nº 204, de 13-11-2006, disponível para download em <http://migre.me/GiNg>;

* *Programa de aceleração do crescimento. Um ano depois*. Notícias do Dia 23-01-2008, disponível para download em <http://migre.me/GiNu>;

* *A "mão invisível" do mercado não funciona sem a "mão visível" do Estado*. Revista IHU On-Line nº 276, de 06/10/2008, disponível para download em <http://migre.me/GiMj>.

**LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA
NA PÁGINA ELETRÔNICA DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

Entrevista da Semana

Missões jesuíticas do Paraguai: uma sociedade alternativa

Para o jornalista e historiador Tau Golin, a experiência missioneira representou uma alternativa no interior do mundo colonial aos indígenas

POR PATRÍCIA FACHIN

Segundo Tau Golin, as missões jesuíticas constituíram um bloqueio espanhol ao expansionismo lusitano, em uma aliança com o indígena. A partir das missões, criadas entre o projeto missional jesuítico e o interesse indígena, “formou-se uma sociedade alternativa ao colonialismo, apesar de sua determinação colonial. Essa sociedade de fronteira formou-se com base na ‘propriedade coletiva do povo’, mantendo igualmente os espaços de uso da família extensa e suas relações de parentesco”. De acordo com o historiador, “na guerra que pôs fim a experiência missioneira, os colonialismos ibéricos a justificaram como uma obra que criava espaços autônomos”. A entrevista foi concedida por e-mail à IHU On-Line.

Tau Golin participou do XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira: território, cultura e identidade, apresentando o minicurso A guerra guaraníca. Graduado em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tau Golin é mestre em História do Brasil, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e doutor em História, pela mesma instituição. É também mestre em navegação pela Marinha do Brasil e professor de vela pela International Sailing Federation (Federação Internacional de Vela). Atualmente, é professor na Universidade de Passo Fundo.

É autor de, entre outros, *A ideologia do gauchismo* (4. ed. Porto Alegre: Tchê!, 1983), *Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca* (Porto Alegre: Tchê!, 1987) e *O povo do pampa* (Porto Alegre: Sulina; Passo Fundo: UPF Editora, 1999). É um dos autores do *Manifesto contra o Tradicionalismo, reflexões sobre o movimento tradicionalista na sociedade gaúcha*. O texto do manifesto pode ser consultado no sítio do IHU (<http://bit.ly/XtDin>), nas *Notícias do Dia* de 16-04-2007, no qual se encontra também uma entrevista sobre o tema com o jornalista Tau Golin. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais aspectos históricos que marcaram a Província Jesuítica do Paraguai?

Tau Golin - O projeto missionário substanciou a projeção da sociedade europeia na América colonial. Uma extensão da cristandade. Todavia, no cotidiano da redução, inserida na territorialidade vivida do indígena, povos tradicionais anímicos, a religiosidade atingiu um hibridismo típico de uma expressão de fronteira involucrada, com diversos fenômenos nos mais distintos recintos - na liturgia oficial da igreja; nas capelas das famílias extensas; nas irmandades; nos postos das estâncias, ervais e lavouras, onde, no geral, os próprios índios se encarregavam do culto, misturando-o com práticas ancestrais, elaborando um

catolicismo indígena, americano (e depois, caboclo), muitas vezes prosseguindo com celebrações xamanistas com os pajés das aldeias tradicionais, que permaneceram existindo paralelamente ao projeto jesuítico-indígena. Do ponto de vista geopolítico, as Missões constituíram um bloqueio espanhol ao expansionismo lusitano, em uma aliança com o indígena, no geral ameaçado pelo mesmo inimigo, o bandeirante, cujas bandeiras e entradas aumentavam os domínios de Portugal e escravizavam especialmente o guarani agricultor, mão de obra valorizada nas lavouras.

Sendo uma sociedade formada entre o projeto missional jesuítico e o interesse indígena, com o passar do tempo, formou-se uma sociedade al-

ternativa ao colonialismo, apesar de sua determinação colonial. Essa sociedade de fronteira formou-se com base na “propriedade coletiva do povo”, mantendo igualmente os espaços de uso da família extensa e suas relações de parentesco. Na guerra que pôs fim à experiência missioneira, os colonialismos ibéricos a justificaram como uma obra que criava espaços autônomos.

IHU On-Line - Como se deu o processo jesuítico na Província do Paraguai? Em que consistia o projeto missionário?

Tau Golin - Aparentemente, consistiu num projeto catequético submetido ao interesse do rei e do papado. Entretanto, o catequizado pertencia às sociedades indígenas, com formas de po-

der e crenças, cujas funções estavam milenarmente constituídas. Para esses povos indígenas animistas, a existência não possuía uma divisão entre o natural e o sobrenatural do europeu. Eles também tinham seus especialistas da magia, na explicação dos fenômenos naturais, das causas e curas das doenças, da individuação da propriedade dos elementos da natureza; os intérpretes dos sonhos e dos mistérios, os guardiões da memória. Por isso, o primeiro embate dos jesuítas foi com os pajés. Entre eles havia o conflito pela representação do sagrado, da medicina e da memória. Os mártires jesuítas surgiram justamente deste embate. Entretanto, a visão política dos morubixabas na aliança com os padres precisou afastar da estrutura da redução a figura oficial do pajé. A partir de então, as “unidades” missionárias puderam ir surgindo, mas sempre mantendo suas multiplicidades, caracterizando-se como sociedades de fronteira: a “unidade” jesuítica, a associação de famílias extensas entre parcialidades de “etnias”, entre manutenção de relações de parentesco com famílias de outras reduções e com grupos que continuavam a tradição da aldeia; as legitimações sociais na emanção do complexo da igreja, oficinas e colégio; as formações das irmandades; a formação do cabildo, órgão de poder colonial para a administração, a justiça e a milícia, formado por um colegiado de “caciques”. Estas transversalidades fizeram das reduções sociedades de permanente negociação interna e externa.

IHU On-Line - Por que o senhor considera a Província Jesuítica do Paraguai a mais consistente alternativa social do período colonial?

Tau Golin - Na aliança entre projeto colonial da catequese de fronteira, com o fechamento à “contaminação” colonial pela presença do povoador no mundo missionário, e a preservação da estrutura social e de ocupação do espaço do indígena, se potencializou uma sociedade planejada mediada por dois “coletivos”, as propriedades da corporação da igreja e a da família extensa indígena tradicional. Elevadas à unidade da redução, atingiram

“As propriedades estatais e as particulares constituem uma unidade de organização social complementar. A redução também integrou esta totalidade. Entretanto, com o passar do tempo passou a representar uma perigosa autonomia”

uma socialização totalizante que podemos denominar como “propriedade coletiva do povo”. Por outro lado, o colonialismo possuía a “propriedade do Estado”, do rei, de onde advém a classificação de bens “reiuinos” - cavalhadas, estâncias, terras, edifícios públicos, etc. - e a “propriedade particular”. Porém, as propriedades estatais e particulares constituem uma unidade de organização social complementar. A redução também integrou esta totalidade. Entretanto, com o passar do tempo passou a representar uma perigosa autonomia.

IHU On-Line - Que aspectos motivaram a deflagração da Guerra Guaranítica (1753-1756)? Quais as consequências para os indígenas e como esse acontecimento reflete a realidade das comunidades atualmente?

Tau Golin - A causa é geopolítica. Em 1750, as coroas ibéricas assinaram o Tratado de Madri¹ com o objetivo de organizar as fronteiras entre seus domínios, causas de guerras que exauriam Portugal e Espanha. Na América do Sul, procuraram solucionar um foco de tensão, a Colônia do Santíssimo Sa-

¹ **Tratado de Madri**: firmado na capital espanhola entre D João V, de Portugal, e D Fernando VI, da Espanha, em 13 de janeiro de 1750. Seu objetivo era definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas. (Nota da IHU On-Line)

cramento, à margem do Rio da Prata (atual Colônia, no Uruguai). Este reduto era um enclave português instalado em 1680, plataforma de interesses internacionais para a prata e o ouro das minas espanholas, que desciam pelas vias dos rios Paraná e Paraguai, além de praticar o comércio de diversas formas. Desde sua fundação, ocorreram guerras de repercussões internacionais, com devoluções determinadas pelos tratados, etc. A solução acordada pelos reinos foi trocar a Colônia do Sacramento por sete cidades e terras missionárias existentes a oriente do rio Uruguai (atual Rio Grande do Sul e norte do Uruguai), que faziam parte da Província Jesuítica do Paraguai, território colonial espanhol. Inicialmente, a Companhia de Jesus procurou revogar os artigos que determinavam a permuta. Entretanto, os reinos os mantiveram e as comissões demarcatórias foram constituídas para executar o Tratado. Em 1753, marchando desde Castillos Grandes (Uruguai), quando elas chegaram a Santa Tecla, terras da estância do povo de São Miguel, a milícia indígena não permitiu a sua passagem. Os demarcadores se retiraram para a Colônia do Sacramento (portugueses) e para Buenos Aires e Arraial de Veras (espanhóis). No ano seguinte, os governadores Gomes Freire de Andrada (Rio de Janeiro) e José de Andoñaegui (Buenos Aires) se reuniram em uma ilha do Rio da Prata e decidiram realizar uma campanha militar aos Sete Povos para transladar/expulsar os índios para a margem ocidental do rio Uruguai. No lugar, Portugal projetara formar a Província das Missões, com povoadores açorianos, que já estavam nos portos de Viamão (Porto Alegre), de Rio Grande e de Santa Catarina, aguardando para ocuparem seus lotes, além de paulistas, que esperavam espalhados pelo caminho de Vacaria.

IHU On-Line - Quais são as principais causas da destruição do projeto missionário?

Tau Golin - A partir do levante indígena de seis povos (São Borja não participou) e o socorro posterior de outros da margem ocidental do rio Uruguai e parentes das famílias ex-

tensas rebeladas, a Guerra Guaranítica ocorreu através de duas campanhas militares, o primeiro plano de guerra executado parcialmente em 1754 e, o outro, vitorioso, em 1756. Os episódios militares são muitos, abrangendo todo o território, com combates e escaramuças em Rio Pardo, Rio Guaíba, Rio Jacuí, Rio Dymal, área do Vacacaí Mirim, Boca do Monte, Churiebi, etc. Entretanto, foi a Batalha de Caiboaté², de 10 de fevereiro de 1756, que derrotou completamente os sublevados. Com os missionários já derrotados, os oficiais das tropas regulares, com muito custo, inclusive com execuções, conseguiram conter a mortandade guarani. A causa principal se deveu as formações dos exércitos, em particular do espanhol, com uma maioria de “paisanos”, a soldo dos latifundiários de Santa Fé e Corrientes, e outros particulares, com base no contrato de saque feito com os generais ibéricos. A forte presença das companhias de gaudérios (gaúchos) sanguinários, formadores da banditagem dos campos, consumou a barbárie de Caiboaté, cujas mortes em batalha e execuções depois da rendição deixaram mais de mil e quinhentos índios mortos, além de 154 prisioneiros. Poucos conseguiram fugir. Desde a origem das reduções os bandeirantes e, depois, os gaúchos foram os seus sistemáticos inimigos. Os gaúchos, grupo social que se formou e se identificou no processo de arreadas e roubos dos gados das estâncias missioneiras, sempre atacaram suas propriedades, roubaram e estupraram as mulheres indígenas. Patrocinados pelos latifundiários, na Guerra Guaranítica, a gauderia culminou seu processo existencial de banditismo contra os missionários com a chacina de Caiboaté.

IHU On-Line - Por que considera a Guerra Guaranítica como o tema mais trágico da história missioneira?

Tau Golin - Derrotados os guarani rebeldes, o exército espanhol iniciou o

² Sobre o tema, confira a edição 156 da Revista IHU On-Line, de 19-09-2005, intitulada *Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel*, disponível para download em <http://bit.ly/9NFYeo>. (Nota da IHU On-Line)

“Quando alguém se define como missionário, contemporaneamente, está tomando duas heranças, em conjunto, ou de maneira separada: a da guaranização/indianização, sucedânea étnica e cultural mestiça; ou patrimonial, como ser de um espaço simbolizado pelo passado jesuítico-indígena”

processo de traslado, ou seja a retirada dos missionários (entendidos como índios “cristianizados”) do território para entregá-lo a Portugal. As parcelas se dividiram. Enquanto algumas famílias concordavam, milhares seguiam escoltadas, mas, assim que podiam retornavam às suas cidades, às estâncias e chácaras, ou refugiavam-se no mato. Outros caciques culpavam os espanhóis e jesuítas. Em 1757, o general Gomes Freire desistiu de permanecer em Santo Ângelo para receber as Missões e se retirou para Rio Pardo. Secretamente acertara com centenas de famílias guarani a doação de terras para formar aldeias em território português. Dentre elas, a mais conhecida é a Aldeia dos Anjos, origem de Gravataí.

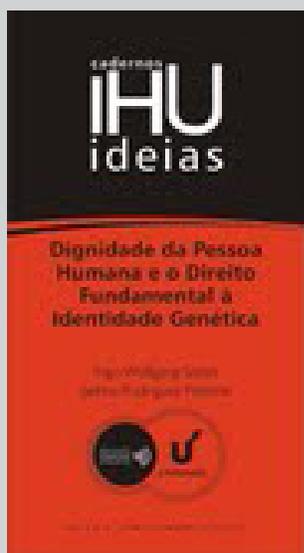
Por fim, o Tratado de Madri se mostrou inviável e foi revogado em 1761 pelo do Pardo. Um inquérito espanhol sobre a sublevação concluiu pela culpa dos jesuítas. Assim como ocorrera no Brasil em 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa em 1767, com a retirada dos padres até 1769. Outras ordens religiosas foram mandadas para as Missões, as quais

deveriam se encarregar somente da questão religiosa. A administração passou para o Estado, através de militares/funcionários públicos. Gradativamente, a corrupção, a venda das terras indígenas para particulares, a invasão de aventureiros e a formação de latifúndios pelos militares que se converteram em estancieiros foram transformando o espaço missioneiro num povoamento colonial, com a posse da terra transferida para particulares, além da propriedade do Estado das cidades, cujos prédios indígenas, mas tarde, foram arrendados e depois vendidos. As habilidades dos missionários em diversos ofícios - música, marcenaria, olaria, construção, agricultura, pecuária, soldados, navegação, etc. -, os integraram na sociedade colonial, ocorrendo, a partir de então, impressionante processo de guaranização, ou indianização, da população. Paralelamente, boa parcela continuou com o sistema de famílias aldeadas, ou em acampamentos, reintegrando-se ao sistema de aldeias tradicionais. Entretanto, no geral, eram grupos intermediários entre a aldeia tradicional e a sobrevivência ao mundo colonial, vivendo em suas proximidades e em contato com ele, para o qual, aos poucos, foram convergindo e formando seus extratos subalternos.

IHU On-Line - Em que sentido a experiência de organização social missioneira dos séculos XVII e XVIII marcou as gerações futuras?

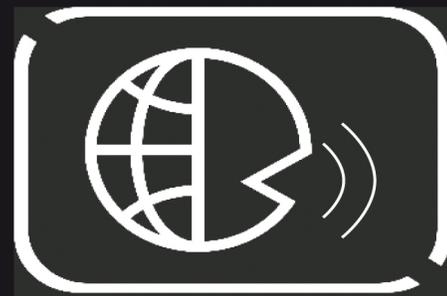
Tau Golin - A experiência missioneira representou uma alternativa no interior do mundo colonial aos indígenas. Com a sua destruição organizacional, o indivíduo dessa sociedade indianizou o povoamento quanto ao modo de vida e a escolha posterior de acervos identitários. Quando alguém se define como missionário, contemporaneamente, está tomando duas heranças, em conjunto, ou de maneira separada: a da guaranização/indianização, sucedânea étnica e cultural mestiça; ou patrimonial, como ser de um espaço simbolizado pelo passado jesuítico-indígena. São aspectos do fronteirismo brasileiro, uruguaio, argentino e paraguaio.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



O ostracismo imposto às discussões sobre regulação da comunicação

POR JÚLIO ARANTES AZEVEDO
ANDERSON DAVID G. DOS SANTOS E
RAFAEL CAVALCANTI BARRETO*

No Brasil, qualquer discussão sobre controle social da mídia é tratada com sensacionalismo

Enquanto José Serra e Dilma Rousseff fizeram o possível para evitar problemas com a grande imprensa, as propostas de políticas de comunicação continuam relegadas à invisibilidade, sob a manta midiática da censura.

O processo eleitoral de 2010 teve como um dos principais motes de acusação o quanto cada candidato era a favor da “liberdade da imprensa”. Mas as discussões foram postas na tentativa de empurrar ao candidato adversário a pecha de autoritário. Prova disso é que nenhum dos três candidatos que melhor pontuaram na primeira fase das eleições teve a coragem de assumir uma proposta séria para mudar o contexto oligopólico dos atuais meios de comunicação.

Os pesquisadores críticos de comunicação e os movimentos sociais do setor sabem que a regulação dos meios de comunicação necessita de um debate superior ao que vemos diariamente. Afinal, a maior prova de que há algo errado está no fato de só um lado dos interessados, os do-

nos dos meios de comunicação, ter o direito de falar ou se abster sobre o assunto, de acordo com o seu devido interesse.

Exemplo recente veio com a instituição em alguns estados de Conselhos de Comunicação Social, elemento este, inclusive, que está presente na Constituição Federal promulgada em 1988, como garantidor do cumprimento dos artigos que versam sobre Comunicação, os quais ainda não foram regulamentados pelo Congresso Nacional - a exemplo do que acontece com o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

Vale lembrar que as restrições impostas pelos regimes ditatoriais brasileiros do século XX não impuseram qualquer limitação para o desenvolvimento comercial privado da indústria cultural; ao contrário, proporcionaram a conjuntura perfeita para sua instalação, uma vez que, qualquer possibilidade de debate a esse respeito estava interdita pela ação re-

* Júlio Arantes Azevedo é mestre em linguística formado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e participa regularmente das atividades do grupo Cepos; Anderson David G. dos Santos é graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas e participa regularmente das atividades do grupo Cepos; Rafael Cavalcanti Barreto é graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Integrada Tiradentes e membro do grupo Cepos. Email: <butigahn@gmail.com>.

pressora do Estado.

Inclusive o modelo comercial de comunicação de massa, que se desenvolveu no Brasil, teve grande importância para a expansão da acumulação de capital em todos os períodos pós-crise do século XX. Foi assim que, pela via da publicidade, a indústria cultural e o capitalismo monopolista puderam se desenvolver mutuamente e avançar na década de 1960, e iniciar uma nova etapa de acumulação de capital. Ao final do regime militar no país, a indústria cultural brasileira estava plenamente implantada e em fase ascendente.

Por outro lado, é preciso aprofundar o debate no âmbito das organizações políticas e movimentos sociais, a fim de entender os limites que se colocam para uma transformação radical da comunicação social no Brasil - em especial, caso se acredite que uma transformação dessa ordem precederia ou conduziria a uma transformação radical da sociedade.

Observamos que propostas de regulação, como as que foram elaboradas no âmbito do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, não chegariam a limitar a atuação dos grupos dominantes. A atuação do Estado, no sentido de implantar políticas públicas (de tipo distributivo), está restrita pela própria natureza do capitalismo. Não seria permitida a completa efetivação de um modelo de comunicação transformadora, através da representação das tensões e conflitos sociais.

“Mesmo em países em que os mecanismos democraticamente instituídos têm espaço, não há sequer um indício de transformação radical da sociedade. A mesma lógica de acumulação de riquezas e exclusão social se perpetua, tanto dentro dos limites do próprio país, afetando sua própria população”

A própria natureza dessa luta “democrática” sugere que seria possível conviver harmonicamente com a mídia burguesa corporativa, contanto que também houvesse espaço para a diversidade e pluralidade; uma comunicação que respondesse às expectativas de todos os setores da sociedade.

O fato é que, mesmo em países em que os mecanismos democraticamente instituídos têm espaço, não há sequer

um indício de transformação radical da sociedade. A mesma lógica de acumulação de riquezas e exclusão social se perpetua, tanto dentro dos limites do próprio país, afetando sua própria população, quanto em outras nações periféricas, onde as forças produtivas estão absolutamente atrasadas em relação aos primeiros.

Os mecanismos democraticamente instituídos, que têm como natureza o controle público, não estão livres da lógica do capital, precisam “concorrer” com os conglomerados, disputando audiência, financiamento, parcerias e todos os elementos que garantam a subsistência da estrutura necessária para funcionar. Basta observar as condições de funcionamento que se impõem às rádios e canais comunitários ou mesmo os veículos públicos e estatais brasileiros.

Diante deste quadro, fica evidente o fato de que as políticas públicas são instrumentos de regulação do próprio sistema capitalista. Enquanto tal, elas funcionam indissociavelmente desse marco civilizatório e, por isso, não podem constituir concretamente o ponto de partida para a ruptura com a lógica do Capital. Trata-se, antes, de um aperfeiçoamento do capitalismo, e nem isso conseguimos no Brasil. Cabe, a partir de agora, repensar essa lógica que, nas proposições até agora feitas, aparece invertida. Um modelo de comunicação deve estar submetido a um projeto de sociedade, não o contrário.

PPGCC UNISINOS
Especialização • Mestrado • Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22
Ramal 1356

Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia



NÚCLEO DE ANÁLISE DA
TELEDRAMATURGIA

www.grupocepos.net/nat

Contatos:

nat@grupocepos.net

Val.bri@terra.com.br

Kalikoske@hotmail.com

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 02-11-2010 a 06-11-2010.

Uma presidente. O seu significado

Entrevista com Fátima Jordão, socióloga

Confira nas Notícias do Dia 03-11-2010

Disponível no link <http://bit.ly/abE1Va>

Uma das mulheres mais poderosas do mundo. Dilma Rousseff, ao ser eleita a primeira mulher presidenta do Brasil, ganhou esse status. Segundo a socióloga, o voto em Dilma “é um salto de qualidade, cidadania e de democracia”.

A economia de Dilma. Planos e possibilidades

Entrevista especial com Pedro Rossi, economista

Confira nas Notícias do Dia 04-11-2010

Disponível no link <http://bit.ly/cbfZze>

O desafio do governo Dilma está na questão do câmbio. Do ponto de vista do modelo geral, com câmbio flutuante, a própria Dilma já esclareceu que não mexerá. O que poderá mudar são as medidas de controle de capital.

“As eleições manifestam a emergência de um movimento ultraconservador no Brasil”

Entrevista especial com Rudá Ricci, sociólogo

Confira nas Notícias do Dia 05-11-2010

Disponível no link <http://bit.ly/9oROUc>

O professor fala sobre como Dilma deve conduzir o governo e como sua personalidade pode ser um empecilho para os planos de Lula. E completa: “Se alguém imagina que o Lula não vai governar com Dilma ou disputar o governo desconhece, totalmente, o que é essa liderança nacional”.

O Paraguai hoje

Entrevista especial com Bartomeu Melià, filósofo e teólogo jesuíta

Confira nas Notícias do Dia 06-11-2010

Disponível no link <http://bit.ly/dyB5gH>

Os principais problemas que Fernando Lugo tem enfrentado e quais são os avanços que seu governo já trouxe para o Paraguai foram o tema da entrevista com Melià. “A notícia, parte boa e parte ruim, é que o Paraguai, com o aumento do PIB, será o país com maior crescimento no ano na América Latina”.

Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável

Módulo 4 - Pensar global e agir local

Informações:

www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



The image shows a screenshot of a Twitter profile for the account @ihu. The profile picture is the logo of Instituto Humanitas Unisinos, which consists of a stylized white bird icon on an orange square. The name of the account is "_ihu". Below the profile information, there is a tweet that says "That's you!". The main tweet text reads: "Não só a produtividade aumentou, mas sinto que os funcionários estão mais dispostos também", afirma empresário. <http://bit.ly/d9uneB>. The tweet is timestamped "27 minutes ago via web". Below the main tweet, there are two more tweets with the same text: "Redução da jornada de trabalho: Experiência que deu certo, diz empresário. <http://bit.ly/d9uneB>" and "Um total de 47,8 mil metalúrgicos paulistas pode entrar em greve nesta semana, a partir de quarta-feira. <http://bit.ly/drEFUU>".

http://twitt

Profile Find People Settings Help Sign out

Name IHU

Location São Leopoldo

Web <http://www.ihu.un...>

Bio O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...

260

following

1,047

followers

115

listed

Tweets

5,641

Favorites

Lists

[blogs](#)

[educa-o](#)

[parceiros](#)

[contatos](#)

[equipe-ihu](#)

[organiza-es](#)

[View all](#)

er.com/_ihu

Evento

Os impactos socioambientais das hidrelétricas

Desmatamentos, inserção de espécies exóticas no ecossistema, deslocamento de populações ribeirinhas e inúmeras perdas econômicas e ambientais estão entre os impactos causados pela construção de hidrelétricas, afirma o geólogo Roberto Naime

POR MÁRCIA JUNGES

“**P**oluição das águas, contaminações e introdução de substâncias tóxicas nos reservatórios pela lixiviação de pesticidas, herbicidas e fungicidas nas plantações existentes no interior da bacia hidrográfica”, além de “introdução de espécies exóticas nos reservatórios, em desequilíbrio com os ecossistemas da bacia hidrográfica” e, para arrematar, “remoção de mata ciliar em tributários ou no próprio canal de drenagem principal”.

Esses são alguns dos efeitos da construção das hidrelétricas, avalia o geólogo Roberto Naime, em entrevista à **IHU On-Line**, por e-mail. Em seu ponto de vista, “pelo excessivo desequilíbrio gerado pela última eleição, a tendência do novo governo talvez não passe pela consertação social que seria necessária” sobre o tema da construção de grandes hidrelétricas como as de Belo Monte e Madeira. O pesquisador estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU nesta quinta-feira, 11-11-2010, debatendo o tema Impactos socioambientais das hidrelétricas: uma visão local e nacional.

Roberto Naime é graduado e mestre em Geociências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É doutor em Geologia Ambiental pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente, é professor na Universidade Feevale. É autor de *Impactos ambientais no agronegócio* (Cuiabá: Ecos de Cuiabá, 2007) e *Gestão de Resíduos Sólidos - uma abordagem prática* (Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2005), entre outros. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os principais impactos socioambientais das hidrelétricas em termos locais e nacionais?

Roberto Naime - Por maiores que sejam os impactos nos meios físico ou biológico, é talvez sobre o meio antrópico ou socioeconômico que ocorreram os maiores impactos e, ao mesmo tempo, os mais difíceis de resolver. Citarei alguns exemplos:

1. remoção e relocação de populações com vínculos históricos com os processos de uso e ocupação da paisagem (GOLDSMITH, 1984);

2. perda de plantios perenes e explorações permanentes (JERONYMO, 2007);

3. modificações de redes de relações e cooperação com quebra de sinergia entre ocupantes de espaço paisagístico;

4. redefinição do conjunto de relações hierárquicas que define o geobiosistema local da bacia hidrográfica;

5. perda de benfeitorias, plantações e áreas agricultáveis ou alagadiças com microecossistemas;

6. quebra de paradigmas existenciais resultantes da rede de relações históricas locais;

7. impactos variados sobre a rede complexa de semiótica e simbologia que representa a teia histórica local;

8. implantação de novos paradigmas axiológicos determinados pela nova rede de relações econômicas locais.

Poderíamos nos estender bastante mas nem é necessário. É possível perceber a importância e a complexidade do que ocorre com as populações atingidas.

IHU On-Line - Em termos biológicos, quais são os impactos mais significativos?

Roberto Naime - Em termos biológicos os impactos são inúmeros e podem ser listados conforme abaixo, o que não quer dizer que ainda não ocorram outros impactos específicos em função das peculiaridades locais.

1. Poluição das águas, contaminações e introdução de substâncias tóxicas nos reservatórios pela lixiviação de pesticidas, herbicidas e fungicidas nas plantações existentes no interior da bacia hidrográfica (FREEDMAN, 1995; GREENBERGS, 1992);

2. introdução de espécies exóticas nos reservatórios, em desequilíbrio com os ecossistemas da bacia hidrográfica;

3. remoção de mata ciliar em tributários ou no próprio canal de drena-

gem principal;

4. incremento desordenado de pesca predatória, por pescadores profissionais ou atividades de lazer;

5. elevação do material em suspensão na água devido a atividades agrícolas, com efeitos sobre flora e fauna;

6. uso excessivo e descontrolado de equipamentos de recreação que interferem na fauna aquática;

7. deterioração das margens por assentamentos urbanos ou rurais não planejados;

8. drenagem e eventual remoção e destruição de áreas alagadas e ecossistemas específicos (HYNES, 1979);

9. ocorrência de eutrofização pelos ciclos de nitrogênio e fósforo e pela contaminação por lixiviados de fertilizantes (HARPER, 1992);

10. remoção ou alteração em espécies de relevante importância dentro da cadeia alimentar dos ecossistemas locais da bacia hidrográfica;

11. desmatamentos em geral e perda da vegetação característica de áreas de inundação (HENRY, 1989);

12. modificações ambientais transformando ambientes lóticos em bênticos com alterações drásticas da fauna aquática e do equilíbrio dos ecossistemas dentro da bacia hidrográfica;

13. implantação de barreira física para migrações sazonais de espécies faunísticas, perturbando o equilíbrio do ecossistema;

14. preenchimento rápido do reservatório sem a retirada florestal que, quando se decompõe, torna o pH da água mais baixo e libera na atmosfera grande quantidade de metano;

15. diminuição do sequestro de carbono pela vegetação inundada, contribuindo para aumentar o efeito estufa.

IHU On-Line - No RS, quais são as hidrelétricas já construídas e por construir que considera ser as maiores causadoras de impactos nos diferentes aspectos?

Roberto Naime - Quem trabalha no meio acadêmico não acompanha de forma sistêmica o que está ocorrendo em termos de obras de infraestrutura. Assim, sempre se corre o risco de omitir coisas importantes ou ressaltar obras que nem representem mais os maiores problemas. Mas em tese podemos dizer

que todas as barragens ou reservatórios do estado, em maior ou menor escala, se enquadram nos impactos socioambientais gerais. O Brasil tem desenvolvido uma grande capacidade de utilização dos recursos hídricos superficiais, mas isto tem sido feito sem qualquer análise da sustentabilidade. Prevalecem os interesses econômicos e sociais, e até mesmo ecológicos, mas com carência de estudos hidrológicos. Alguns destes reservatórios de água têm planejamento inicial e preocupação com inserção regional, mas falta atividade sistêmica e formação de plataformas de dados que possam subsidiar sistemas de desenvolvimentos futuros nestas bacias hidrográficas. Os reservatórios oscilam desde pequenos barramentos com 1 milhão de m³ até reservatórios de 100 a 200 bilhões de m³ de água.

Grandes obras

Não ocorre uma preocupação maior com a fase do sistema hídrico em utilização. Os rios podem ser jovens, em suas nascentes, cujas características são a alta declividade, os vales encaixados e as pequenas áreas inundadas. No Brasil das grandes obras, esta fase das drenagens nunca interessou muito porque ela geraria pequenas hidrelétricas, que quer dizer pequenas obras e isto não interessava muito aos empreiteiros. O fato de o sistema de drenagem nesta fase produzir os menores impactos ambientais nunca foi motivo suficiente para nada.

A cidade de Barcelona, na Espanha, é abastecida de energia elétrica com um sistema de pequenas barragens com descarga de fundo que tem tempo de vida útil ilimitado. Descarga de fundo é um sistema mecânico que permite a saída da siltagem acumulada no fundo da barragem devido à precipitação das argilas e siltes¹ suspensos na água, que tendem a decantar em recursos hídricos sem movimento. Ou seja, nós temos em todo Brasil, indistintamente, que alterar nossos paradigmas e interesses econômicos e políticos que não atendem à maior

¹ Silte: chama-se silte ou limo a todo e qualquer fragmento de mineral ou rocha menor do que areia fina e maior do que argila e que na escala de Wentworth, de amplo uso em geologia, corresponde a diâmetro > 4 µm e < 64 µm (1/256 = 0,004 a 1/16 = 0,064 mm). (Nota da IHU On-Line)

parte dos interesses das populações.

IHU On-Line - Como espera que seja a condução do novo governo federal sobre a construção de grandes hidrelétricas como as de Belo Monte e do Rio Madeira?

Roberto Naime - Falarei do ponto de vista de cidadão. Eu gostaria que os empreendedores, dentre eles o governo, tivessem maior preocupação em realizar uma concertação social local que atendesse aos interesses dos índios, das populações ribeirinhas e até de madeireiros, e não ficasse apenas preocupado com a questão macroeconômica de potência instalada. De repente, por causa das necessidades de energia do setor industrial no centro sul do país, podem acabar impactadas populações ribeirinhas, indígenas ou outras populações locais, de forma desnecessária. Mas isto é um desejo de cidadão, não uma previsão. Pelo excesso de desequilíbrio gerado pela última eleição, a tendência do novo governo talvez não passe pela concertação social que seria necessária.

IHU On-Line - Como avalia a condução do reassentamento das comunidades indígenas e demais populações ribeirinhas em função da construção dessas barragens?

Roberto Naime - Minha experiência é apenas prática e nesta dimensão posso assegurar que este é o maior impacto. A solução deste enorme problema, que significa cultura local, escala de valores, rede de símbolos, sinergia gerada por redes de cooperação e uma quantidade enorme de fatores que se poderia citar, tem sido relegados a uma mera apreciação de valor econômico através de mediações que entendem esta linguagem, mas são carentes de outras formas de conhecimento que, com certeza, seriam mais importantes.

LEIA MAIS...

>> Roberto Naime concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

- *Os prejuízos dos lava-jatos para o meio ambiente.* Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* 29-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bKT9f4>
- *Hidrelétricas no Rio Grande do Sul. Impactos sociais e ambientais.* Revista IHU On-Line 341, de 30-08-2010, disponível em <http://bit.ly/cn2qpY>

Perfil

Bartomeu Melià

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO MÁRCIA JUNGES

“**A** verdadeira formação que tive se deu entre os índios”, revela o jesuíta espanhol Bartomeu Melià, em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line. Conferencista de 26-10-2010 dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade, debateu o tema A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros. Jesuíta desde 1949 e trabalhando com os índios guarani desde 1969, Melià conta um pouco mais sobre sua trajetória e atuação missionária, o período em que viveu no exílio, em Roma, logo após ter sido expulso do Paraguai pelo ditador Alfredo Stroessner, e o retorno à vida nas aldeias.

Melià é pesquisador do Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em Ciências Religiosas pela Universidade de Estrasburgo, conviveu com os indígenas guarani, kaingangue e enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista.



Origens - Nasci na Ilha de Maiorca, na Espanha. Assim, minha primeira língua não foi o castelhano, mas uma variedade do catalão. Uma ilha sempre é um limite, mas também um convite para sonhar.

Vocação sacerdotal - Sou jesuíta desde 1949. Estudava num colégio da Companhia de Jesus e aquele ideal e ambiente missionários influenciaram-me muito. Em 1954 fui para o Paraguai. A primeira atividade de seminarista naquele tempo foi o estudo da língua guarani. Éramos um grupo de quatro pessoas, e estudávamos juntos aquele idioma. Esse estudo prossegue até hoje e tem sido essencial na minha trajetória.

Caminhos - Tornei-me professor de guarani para meus colegas que chegaram depois. Fiz a formação de Filosofia na França, Teologia na Espanha e o doutorado na França. Em 1969 eu estava voltando para o Paraguai. Na minha tese eu me questionava sobre

algo que não poderia ser respondido na França. Tratava-se da criação de uma linguagem cristã nas missões jesuíticas. Nós temos a vantagem de que os guarani existem até hoje, mesmo aqueles da floresta. Esses guarani da floresta, até agora, não são cristãos. Teoricamente, eles têm a mesma religião que antes, com algumas mudanças, evidentemente.

Tive a sorte de que o melhor pesquisador do Paraguai, o australiano Leon Cadogan, deu-me todo o aval para fazer essa pesquisa. Assim, passei a entrar nas aldeias guarani. Fui aceito para participar inclusive dos rituais secretos dos índios, em sua casa de rezas. Eu levava informações a esse meu “pai antropólogo” sobre o que tinha vivenciado com os guarani.

Vivência com os indígenas - Desde então, estabeleci uma relação quase sempre muito boa com os guarani. Eu era professor universitário, mas aos finais de semana tirava um tempo para frequentar as aldeias. Assim fui

conhecendo os guarani mbyá, que são índios muito fechados, mas por outra parte, quando são conhecidos, são muito receptivos e abertos, solidários e simpáticos, inclusive. De lá, em seguida, parti para conhecer outros índios guarani que estavam um pouco além, os avá-guarani. De fato, todos guarani são avá, mas alguns deles se denominam especificamente Avá, que significa pessoa. Mbyá significa gente, no sentido de povo, pessoal. A seguir, fui ter com os pai-tavyterã, onde talvez tive a experiência religiosa mais continuada. Entre eles fiz muitos amigos, inclusive alguns dirigentes espirituais. Eles me ditavam textos que depois serviam de livros de leitura.

Genocídio - Essa experiência se prolongou de 1969 a 1976, porque já a partir de 1974 eu era também o secretário do chamado Departamento das Missões da Conferência Episcopal Paraguaia. O bispo, que era o presidente, tinha muita confiança em mim, e ele próprio não tinha muito

conhecimento sobre os índios, mas era muito aberto. Juntos, começamos a fazer uma denúncia contra o verdadeiro genocídio que estava se dando no Paraguai contra os Aché-guayakí. Essa denúncia chegou à imprensa internacional e até nos Estados Unidos o Congresso teve uma sessão sobre o genocídio. O então presidente paraguaio, o ditador Alfredo Stroessner¹, ficou muito bravo comigo, expulsando-me do Paraguai. Então, embora eu não fosse paraguaio de nacionalidade, fui exilado.

Exílio - Parti para Roma, onde fui desenvolver meus gostos por história e linguística. Trabalhei no Arquivo Secreto do Vaticano, todos os dias. Era um dos primeiros a entrar no arquivo, pois morava muito perto, bastando atravessar a Praça de São Pedro. Estudei a respeito do fuzilamento do bispo do Paraguai durante a Guerra do Paraguai travada contra a Tríplice Aliança², da qual fez parte o Brasil. Mas não foram os brasileiros que fuzilaram o bispo, e sim os próprios paraguaios, liderados por Mariscal Lopes³. Os paraguaios pensavam que o bispo estava traindo seu país, e por isso foi fuzilado.

Vida na aldeia - Retornando ao Brasil, lecionei como professor assistente da Universidade de São Paulo - USP. Nesse período descobri haver um povo indígena que acabava de ser contatado no Brasil - os enawené-nawé, que significa "eis aqui os homens autênticos". Eles não sabiam sequer que existia o Brasil. Fiquei vários anos com eles nas aldeias, vivendo o seu tipo de vida. Isso não é fácil, dadas as inúmeras restrições que existem nesse padrão de vida. Foi, entre-

1 Alfredo Stroessner Matiauda (1912-2006): político, general de exército e presidente ditador do Paraguai entre 1954 e 1989. (Nota da IHU On-Line)

2 Tríplice Aliança: união entre Brasil, Argentina e Uruguai para lutar contra o Paraguai na Guerra do Paraguai entre 1864 e 1870. Teve o apoio da Grã-Bretanha. Essa aliança queria impedir o crescimento de uma potência sul-americana, pois os outros países temiam uma possível expansão paraguaia em seu território. (Nota da IHU On-Line)

3 Francisco Solano López (1827-1870): militar paraguaio, presidente vitalício de seu país de 1862 à data de sua morte. (Nota da IHU On-Line)

tanto, uma experiência maravilhosa. Os enawené-nawé formam um povo muito brincalhão, além de cultivarem uma espiritualidade extraordinária. Considero-os como sendo os beneditinos da floresta. Mas eles rezam muito mais do que os beneditinos, pois seu cerimonial vai das duas horas da madrugada até as 10h, e depois das 15 às 20h, durante ciclos de um mês e meio a dois meses. Depois, eles têm outros trabalhos, como a grande pescaria.

Retorno ao Paraguai - Fui nomeado como superior da Missão Anchieta de Mato Grosso, que depende da Província Jesuíta do Rio Grande do Sul. Exerci essa função por dois anos, mas fiquei doente. Não foi nada de grave, simplesmente parasitas. Vim para o Rio Grande do Sul e me ocupei por oito anos na pastoral dos índios cainganges e guarani até o dia em que, em 1989, o general Stroessner caiu, resultado de um golpe de estado. Imediatamente, voltei para o Paraguai. Em 1990 já estava radicado nesse país, onde vivo até hoje. Agora vou raramente para o mato, nas aldeias, mas sigo com uma atividade concreta de acompanhamento de perto de diversos grupos guarani e, sobretudo, no campo da educação, o que para mim é uma preocupação constante. No meu ponto de vista, a educação indígena continua sendo muito colonial, como é o caso daquela oferecida pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Só na Bolívia essa situação mudou um pouco.

Lutas atuais - Continuo lutando, também, pelos territórios indígenas. Não se consegue avançar muito porque o problema de terras está ligado a um novo conceito de propriedade, que entende que apenas quem compra a terra pode ser seu dono. Sigo fazendo pesquisas e publicando artigos. Simultaneamente, mantenho a pesquisa científica do idioma e história indígenas. É o que tenho mantido nos últimos 20 anos, paralelamente a palestras. Hoje, o que mais me ocupa é a reedição da obra linguística do padre Antonio Ruiz de Montoya⁴. Esse jesuí-

4 Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652): padre jesuíta e linguista peruano, um dos pio-

ta editou cinco obras na Espanha, no período de 1639-1640. A primeira delas se chama *A conquista espiritual*, e é uma espécie de primeira história das missões do Paraguai. Depois, vem *A arte da língua guarani*, a seguir um vocabulário, depois um tesouro fraseológico e então um catecismo bilíngue. Dessa obra, já temos editados os três primeiros volumes. Penso que ainda nesse ano saia o tesouro.

Espiritualidade indígena - Do ponto de vista não apenas humano, da sabedoria indígena, mas também da religiosidade, considero que eles me educaram até religiosamente, sobretudo porque não apenas os guarani, mas os enawené-nawé são povos de grande espiritualidade. Eles dedicam muito mais horas por dia para a oração do que nós, do que qualquer um jesuíta ou mesmo os beneditinos. A comparação é sempre a favor dos índios. A verdadeira formação que tive se deu entre os índios.

LEIA MAIS...

>> Bartomeu Melià concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

* *Missão jesuíta, uma experiência de contato*. Edição 348 da Revista IHU On-Line, de 25-10-2010, disponível em <http://bit.ly/aoKCFa>;

* *"A história de um guarani é a história de suas palavras"*. Edição 331 da Revista IHU On-Line, de 31-05-2010, disponível em <http://bit.ly/9JOf0>;

* *As missões jesuítico-guarani*. Notícias do Dia 24-10-2010, disponível em <http://bit.ly/bHRyhS>.

neiros nas missões do Paraguai. Ingressou na Companhia de Jesus em 11 de novembro de 1606. Foi ordenado em Santiago del Estero em fevereiro de 1611. Foi superior das missões entre 1636 e 1637, e procurador na Europa, em 1639. Escreveu alguns clássicos para o estudo das missões indígenas da Companhia no Paraguai, entre elas: *Conquista Espiritual* (1639), *El tesoro de la lengua guarani* (1639) e *El arte y vocabulario y el catecismo*. No Peru existe a Universidade Antonio Ruiz de Montoya. Confira nas Notícias do Dia do IHU a notícia *O corpo e a sexualidade nas reduções jesuíticas*, disponível em <http://bit.ly/9uqBW2>. Em 28-10-2010, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU: A experiência missionária: território, cultura e identidade, a pesquisadora Graciela Chamorro conduziu o minicurso *O corpo e a sexualidade nas missões jesuíticas*, tema inspirado nos livros escritos por Montoya. (Nota da IHU On-Line)

IHU Repórter

Maria Helena Selbach Enriconi

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

“Sou uma pessoa muito persistente. Quando tenho um sonho eu vou atrás. Todo mundo pode me dizer que não vou conseguir. Não sei se é isso o que me move, mas vou em busca para alcançar meus objetivos. Quando acredito em algo vou à luta”. Esta é a professora Maria Helena Selbach Enriconi, que não apenas leciona Matemática, mas vive essa área de conhecimento de forma intensa em sua trajetória pessoal e profissional. Confira a entrevista e saiba mais sobre esta colega da comunidade acadêmica da Unisinos:

Origens - Nasci em São Sebastião do Caí, cidade localizada a 30 quilômetros de São Leopoldo. Minha família tinha uma livraria, que era dos meus avós. Tenho um irmão, que trabalha lá até hoje. E digo sempre para meus alunos: aprendi matemática trabalhando, contando. Trabalhei desde os oito anos de idade com meus avós, contando papel, vendendo borracha, lápis, lápis de cor, caneta. Como não dávamos nota quando o valor era inferior a um determinado preço, anotávamos no próprio talão. E no final somávamos os valores de cabeça.

Formação - No curso superior, inicialmente optei em fazer Física e mais tarde Matemática. Na época da escola, meus professores de Matemática me passavam uma ideia de que só eles sabiam o porquê das regras e fórmulas e a nós alunos cabia apenas decorá-las. A grande questão que me fez decidir fazer o curso de Matemática foi porque eu insisti com uma professora já no antigo ginásio, por que $20 = 1$. Todo mundo sabia que era um, mas eu queria saber o porquê. Na época eu pensei: “eles sabem e não querem contar”. Então me matriculei no cur-

so de licenciatura, na Unisinos. Nunca ninguém me contou a razão dessa igualdade, tive que descobrir sozinha. E vi que era tão simples que desconfeiei que eles também não sabiam. Por isso sempre trabalhei construindo os conceitos matemáticos para os alunos aprenderem de forma significativa.

Matemática - Sou professora de Matemática aqui na Unisinos há 33 anos. A Matemática ainda hoje nas escolas é colocada para os alunos como se fosse mágica, como se as coisas acontecessem por magia e não porque existe uma razão para isso. Por isso que muitos alunos não gostam da Matemática e sempre tenho dificuldade para identificar se eles não sabem porque não gostam, ou não gostam porque não sabem. O problema não é com os alunos, mas está na forma como eles aprenderam. É fundamental que a Matemática ajude as pessoas a resolverem os problemas do cotidiano. Tudo tem uma explicação, fundamentada na construção do conhecimento.

Sala de aula e matemática na Unisinos - Comecei dando aula aqui na Unisinos logo que me formei, para os

cursos de Engenharia. Eu tinha 23 anos. Depois de um tempo ingressei no Laboratório de Educação Matemática - LAM que era uma referência nacional, mas infelizmente foi fechado. Lamento muito por isso, porque ainda hoje há pessoas que fazem referência a ele. Nós tínhamos produção, livros publicados e por mais de 20 anos promovíamos o Encontro Regional de Educação Matemática - EREM. Este e outros trabalhos foram o subsídio para que a Unisinos concorresse, em 2003, a uma licitação pública do Ministério da Educação de um projeto para trabalhar com professores de Matemática e Ciências em todo o Brasil. O Núcleo de Formação Continuada de Profissionais da Educação - NUPE/Unisinos, pelo seu trabalho em Matemática, foi reconhecido como um centro de excelência. Esse programa já fez a diferença na vida de muitas pessoas. É um motivo de orgulho para mim participar desta equipe. O NUPE hoje é coordenado pela professora Flávia Mädche¹. Além desse trabalho, continuo dando aulas na graduação e na especialização.

¹ Confira o IHU Repórter com Flávia Mädche, publicado na edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, disponível em <http://bit.ly/bgyPGs>. (Nota da IHU On-Line)



PROFA. MARIA HELENA COM A FAMÍLIA

Família - Nossa família é muito unida. Meu marido é ex-funcionário da Varig e trabalhou nessa empresa por 37 anos; hoje está aposentado. Temos dois filhos, a Aline e o André. Para eles, a Unisinos sempre representou um sonho, porque me viam sair para a universidade desde pequenos. A Aline cursou Serviço Social e o André Engenharia Mecânica aqui na Unisinos. Hoje ela trabalha como assistente social na Diretoria de Ação Social da Unisinos e o André trabalha como engenheiro mecânico na Embraer, em São Paulo, na parte

da estrutura de aeronaves.

Livro - *Medo e Ousadia*, de Paulo Freire e Ira Shor.

Filme - *Comer, Rezar e Amar*.

Nas horas livres - Gosto de mexer nos meus vasos de flor. Tenho muitas folhagens e samambaias no apartamento. Meu marido do planta e eu cuido. Trabalhamos em parceria.

Um sonho - Viver em paz numa sociedade que nos coloca a cada dia inúmeros desafios.

Um sonho profissional - Ver as pessoas gostando de Matemática ao invés de sentir que ela lhes faz mal.

Unisinos - Estar aqui há 33 anos como professora é sinal de que eu gosto da Unisinos, pois foi nessa casa que me realizei como ser humano, pois participei da formação integral de muitos alunos de diversos cursos de graduação.

IHU - Gosto de ler a revista, mas em papel. Tenho dificuldade de me dedicar à leitura de revistas e livros no computador pela questão do tempo.

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destques

Desigualdades, Direitos e Políticas Públicas

Promovido pela Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e pela Cátedra Unesco Unisinos, com apoio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, acontece de 17 a 19 de novembro próximos o **II Simpósio Nacional Desigualdades, Direitos e Políticas Públicas**. O evento procura debater e refletir sobre o tema título, bem como discutir as relações entre política de democracia na América Latina. Saiba mais em <http://www.unisinos.br/simposio/desigualdades/>

Impactos socioambientais das hidrelétricas

Na próxima quinta-feira, dia 11 de novembro, o Prof. **Dr. Roberto Naime**, da Feevale, estará na Sala Ignacio Ellacuría - IHU, das 17h30min às 19h falando sobre os impactos socioambientais das hidrelétricas: uma visão local e nacional. Leia nesta edição uma entrevista com o professor sobre o tema.



EAD sociedade sustentável

Inicia hoje, dia 8 de novembro, o módulo 4 (Pensar global e agir local) do **Ciclo de Estudos em Educação à Distância (EAD) - Sociedade Sustentável**, promovido pelo IHU. O evento acontece virtualmente pela plataforma Moodle e tem como objetivo refletir sobre as perspectivas de emergência de uma sociedade sustentável, no sentido de evidenciar, teoricamente, a necessidade de um novo paradigma civilizacional, prospectando alternativas sustentáveis de organização social e econômica, capazes de contribuir à sustentabilidade do Planeta e da sociedade. Saiba mais em <http://bit.ly/cBqb8c>